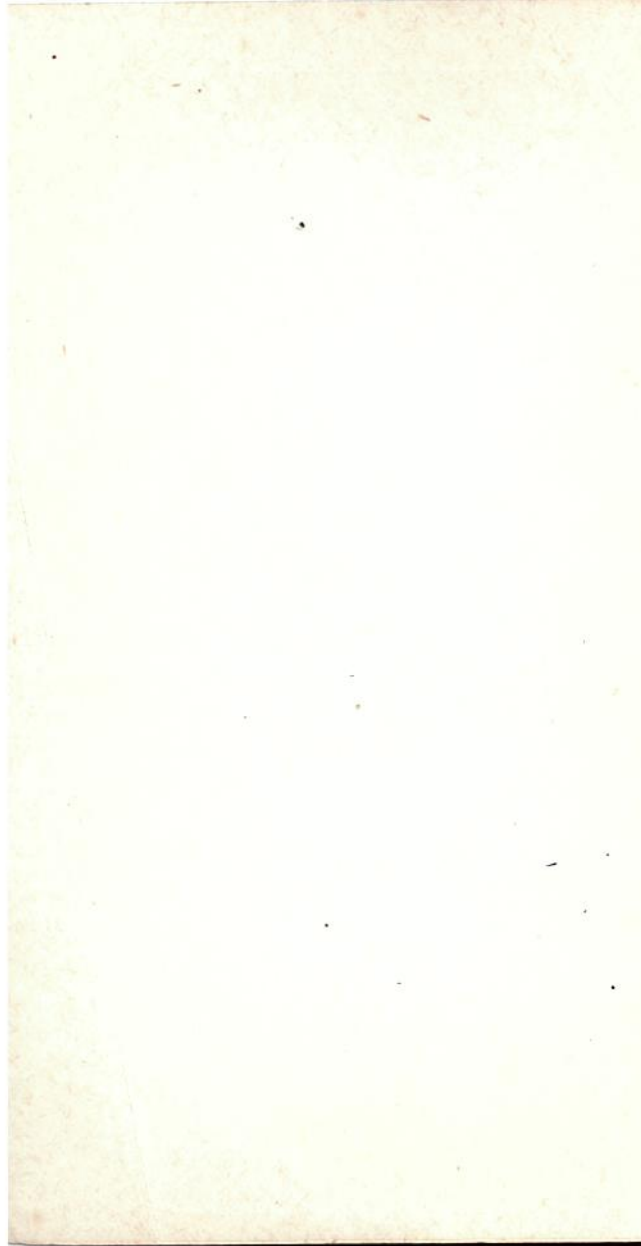


A experiência soviética

Como se criou a indústria pesada

Alexandre Guber



A. Guber

Como se criou a indústria pesada

A experiência soviética

Vasnei da Silva
ECO/SC - Nov. 2015



Edições da Agência
de Imprensa Nóvosti
Moscovo — 1978

PONTO DE REFERÊNCIA

Antes da Revolução Socialista de Outubro de 1917, pelo volume da sua produção industrial, a Rússia ocupava o quinto lugar no mundo. À primeira vista, poderia parecer que este resultado não era mau e que não haveria a razão para se falar de atraso. No entanto, a própria noção de atraso económico é relativa. Tudo depende do ponto de referência.

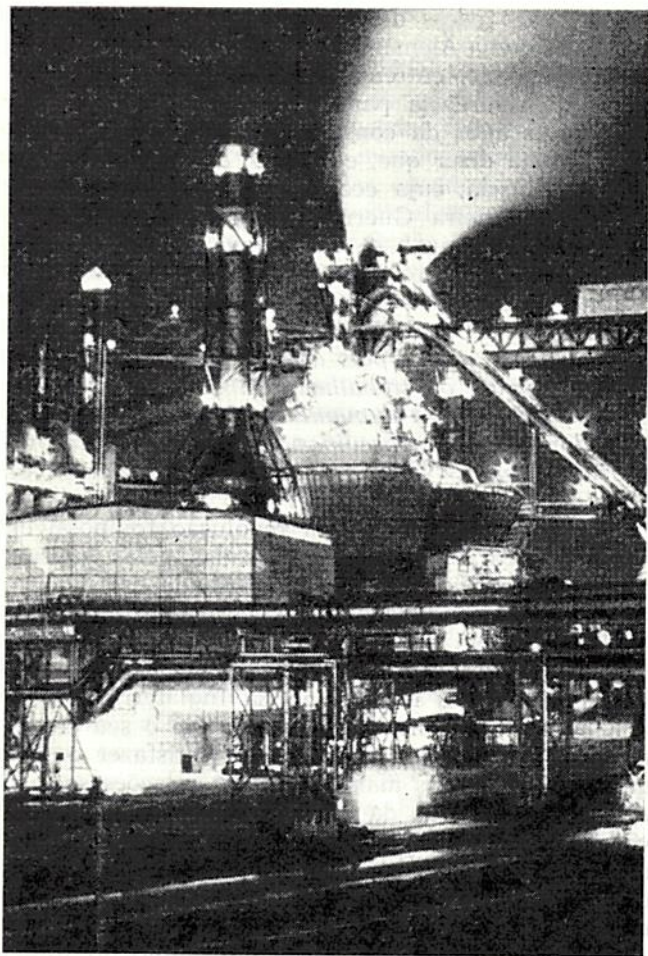
A Rússia ocupava esse quinto lugar apesar de ser, então, terceiro maior país do mundo pela sua população, e primeiro pela extensão do território e a existência de recursos naturais. O que acontecia é que, ultrapassando embora de longe, nessa altura, quatro países mais desenvolvidos do mundo – os EUA, a Inglaterra, a Alemanha e a França – pelas suas possibilidades potenciais, a Rússia tinha, em relação a eles, um atraso técnico-económico de 50 a 100 anos. A diferença era particularmente grande nos ramos-chave da indústria: energética, produção de máquinas, metalurgia, química, etc.

Alguns autores estrangeiros tiram conclusões erradas dos ritmos efectivamente elevados que apresentava o desenvolvimento do capitalismo na Rússia, nos fins do século XIX – inícios do século XX. Afirmam, por exemplo, que mesmo sem a revolução socialista, o país teria alcançado, do ponto de vista económico, os Estados capitalistas mais desenvolvidos. Os factos proyam, entretanto, o contrário. Vejamos. Em 1870, a produção industrial da Rússia constituiu 15,9% da produção industrial norte-americana; em 1913 (nas vésperas da Primeira Guerra Mundial), 15,4%. Vê-se, portanto, que a diferença não desaparecia, antes pelo contrário, aumentava, tanto absoluta como relativamente.

A parte principal do produto nacional bruto da Rússia era fornecida pela agricultura, cuja produtividade era também muito inferior à existente nos Estados desenvolvidos. Por exemplo – o rendimento de trigo (principal cultura cerealífera) na Inglaterra e na Alemanha era três vezes superior ao da Rússia, na França duas vezes superior e nos EUA, 50%.

Em 1913, a Rússia teve que importar todos os tractores e automóveis utilizados no país, 65% das máquinas de cortar metal, 68% da maquinaria agrícola... Existia, portanto, uma séria dependência do mercado externo, da sua conjuntura.

O atraso sócio-económico da Rússia manifestou-se com especial evidência e tragicamente durante a Primeira Guerra Mundial. Apesar das qualidades combativas universalmente reconhecidas dos seus soldados, o exército russo sofria perdas colossais. A Rússia, apesar de dispor de toda uma plêiade de destacados cientistas, engenheiros e construtores (aos quais se ficaram a dever excelentes tipos de armas para aquela época) produziu, durante a Primeira Guerra Mundial, 10 vezes menos metralhadoras, 6



O alto-forno de 5.000 m², um dos maiores do mundo, na fábrica siderúrgica «V. I. Lénine» de Krivoi Rog, na Ucrânia.

vezes menos peças de artilharia e 13 vezes menos aviões do que a Alemanha.

Não se pode, entretanto, considerar 1913 como ponto de referência para a comparação com estes ou aqueles anos da construção do socialismo. Com efeito, basta dizer que, em 1920, a produção industrial da Rússia, cuja economia, após sete anos de guerras – Primeira Guerra Mundial, guerra civil e invasão estrangeira – se encontrava num estado de paralização sem precedentes, foi quase 8 vezes inferior à de 1913.

Em 1919, V. I. Lénine, fundador do Estado Soviético, disse: *«Num país arruinado, a principal tarefa é salvar os trabalhadores. A primeira força produtiva de toda a humanidade é o operário, o trabalhador. Se ele sobreviver, salvaremos e reconstruiremos tudo»*. (V. I. Lénine. Obras Completas, vol. 38, p. 359).

Apenas 9 anos depois da revolução foi possível, em geral, curar as feridas causadas pelas guerras mundial e civil e pela invasão armada estrangeira. Em 1926, a economia da URSS alcançou o nível de 1913 (altura em que o rendimento nacional por habitante era, na Rússia, 7,2 vezes inferior ao dos E.U.A. e 5 vezes inferior ao da Inglaterra).

É evidente que nem esse nível, nem o seu crescimento a ritmos «normais» podiam satisfazer o país que estabelecera as mais avançadas relações sociais. As grandes tarefas da revolução socialista – desenvolvimento das forças produtivas e máxima satisfação possível, nessa base, das necessidades materiais e espirituais dos homens – exigiam medidas rápidas e radicais.

O Partido Comunista traçou um amplo programa de desenvolvimento económico do país e de aumento do bem-estar do povo. E o povo apoiou esse programa elaborado por V. I. Lénine, que previa a in-

dustrialização do país, a colectivização da agricultura e a realização da revolução cultural.

O Partido sublinhou que a URSS só poderia continuar existindo como Estado socialista se se transformasse numa potência industrial capaz de – sozinha e contra a oposição do mundo externo – resolver as mais complexas tarefas económicas e dar a devida réplica a qualquer eventual agressor. O caminho para isso era só um: intensa industrialização socialista e desenvolvimento, em primeiro lugar, da indústria pesada – fundamento de toda a economia independente e base do progresso dos demais ramos.

A pequena exploração camponesa não só não podia satisfazer as mais vitais necessidades do país em alimentos e matérias-primas, como era um terreno favorável ao florescimento da burguesia rural, constituindo uma ameaça constante de restauração do capitalismo. A industrialização devia, portanto, ajudar a concretizar a transformação socialista de agricultura, organizando-a em bases colectivas e dotando-a de equipamentos técnicos modernos. Todos os ramos da economia nacional de algum modo importantes para a vida e o desenvolvimento do país, exigiam a industrialização. A alternativa era esta: concretizar a industrialização num curto prazo ou morrer como Estado socialista.

O povo, que tomara o poder nas suas mãos, construíra agora uma vida nova. Ele não queria, por isso, aceitar a dependência da economia nacional do mercado capitalista mundial, herdada do antigo regime. Dada a hostilidade dos Estados burgueses para com a República Soviética, essa dependência ameaçava a própria existência da república socialista.

Faltavam, entretanto, recursos materiais para se dar início à industrialização. Havia que encontrá-los

apenas dentro do país. E eles foram encontrados. Claro que podiam ser utilizados também para a produção de artigos de amplo consumo, dos quais o país então precisava. Todos eles eram, porém, necessários para o desenvolvimento da indústria. O crescimento do consumo foi, por isso, limitado. Esse aumento foi, entretanto, já nessa altura, e apesar das dificuldades, sensível. Por exemplo – só no segundo quinquênio (1933-1937), o salário mensal médio duplicou, e as despesas do Estado com a educação, a saúde pública e a previdência social cresceram 3,7 vezes. Em 1937, produziu-se 159% mais manteiga que em 1932; a produção de açúcar quase duplicou, a de calçado mais do que duplicou, a produção de relógios subiu 8,2 vezes e a de máquinas fotográficas, 11,2 vezes.

Foi precisamente nesses anos que se definiu a tendência geral – depois constante – da economia socialista: satisfazer cada vez mais completamente as necessidades dos trabalhadores, na base do aumento ininterrupto da produção social.

POR ONDE COMEÇAR?

A que ramos da indústria dar preferência, no fornecimento de recursos, quadros, etc.? Onde procurar todos os meios necessários? Tivemos de ser os primeiros a resolver estes e muitos outros complexos problemas da industrialização socialista, sem termos a possibilidade de nos valer da experiência de quem quer que fosse.

O fundamental era, para nós, muito claro: só a indústria pesada, ou seja, os ramos produtores de meios de produção, podia construir o elo decisivo capaz de assegurar o desenvolvimento de toda a

economia nacional e o crescimento da capacidade defensiva do país. Sem máquinas de cortar metal, por exemplo, não era possível organizar a produção nem de máquinas agrícolas, nem de instalações para a indústria têxtil, nem de turbinas para centrais eléctricas, nem de armamentos. Foi precisamente a indústria pesada, pelo nível da qual a Rússia estava muito atrás dos países desenvolvidos, que se transformou em esfera decisiva de emulação económica dos dois sistemas sociais opostos – o socialismo e o capitalismo.

Para alcançar os países capitalistas industrialmente mais desenvolvidos, a União Soviética tinha que aumentar de 8 a 10 vezes o volume de produção industrial de 1913. Isso exigia novos ritmos socialistas de industrialização.

Nos Estados burgueses, a industrialização começou pela indústria ligeira; para o seu desenvolvimento requerem-se investimentos relativamente menores. A circulação do capital é aí mais rápida, a obtenção de lucros mais garantida e o mercado cria-se mais depressa. A indústria pesada, regra geral, começa a desenvolver-se só quando a indústria ligeira já tem bastantes verbas acumuladas e começa a exigir mais produtos de indústria pesada.

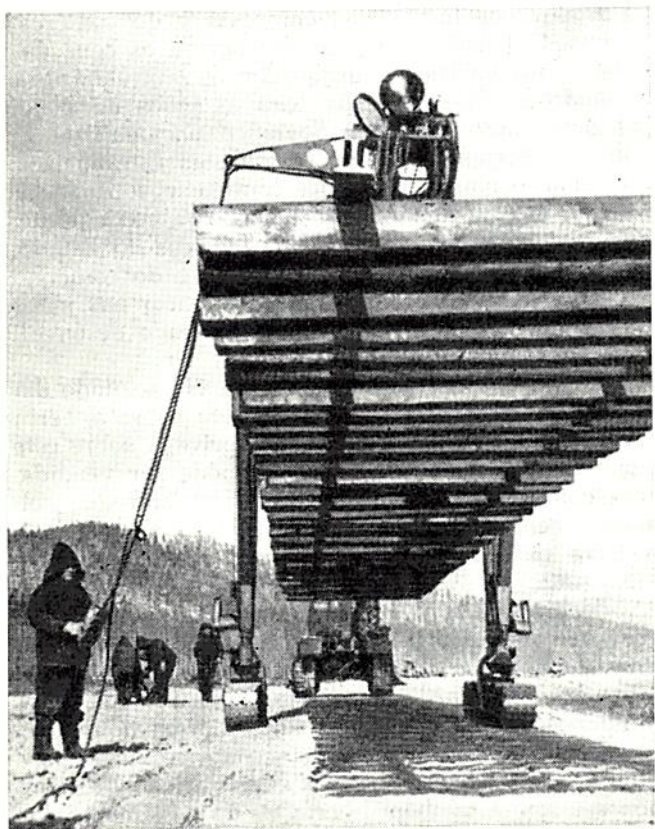
No entanto, este tipo de desenvolvimento, pela sua lentidão, não podia servir ao primeiro Estado socialista, ameaçado como estava, pelo cerco capitalista. "Só o desenvolvimento primordial da indústria pesada, como base do desenvolvimento de toda a economia nacional e da consolidação da capacidade defensiva do país e da sua independência económica podia ser o ponto de partida da industrialização socialista.

Por outro lado, a União Soviética não tinha, nem podia ter, como é evidente, as fontes de acumulação habituais do capitalismo – exploração dos trabalha-

A colocação dos carris do caminho de ferro da Sibéria Oriental, nos anos do primeiro quinquênio.



A construção do caminho de ferro Baical-Amur (BAM), também na Sibéria, nos nossos dias.



dores, pilhagem das colónias, guerras de rapina, créditos leoninos e as concessões, etc. O Ocidente só se mostrava disposto a conceder créditos ao Estado Soviético desde que estes limitassem a soberania da URSS.

Só se podia, portanto, recorrer a fontes internas de acumulação.

Essas fontes foram:

Primeiro, os lucros das empresas e do comércio estatais. O Estado Soviético expropriou os bens das classes parasitárias (a burguesia e os latifundiários), passando as suas riquezas para as mãos do povo. Por outro lado, o Poder Soviético nacionalizou as empresas pertencentes aos capitalistas estrangeiros, libertando o país das grandes contribuições financeiras que até aí tinham que fazer. Por conseguinte, todos os lucros procedentes das fábricas do Estado, dos transportes, do sistema bancário e do comércio interno e externo estatal passaram a ficar nas mãos do Estado, podendo ser utilizados para o desenvolvimento da indústria.

Segundo, a ajuda do campesinato. No segundo dia da Revolução de Outubro, o Decreto sobre a Terra abolia para sempre a propriedade privada sobre este meio de produção: «A terra não pode ser vendida, nem comprada, nem arrendada, nem entregue sob fiança, nem alienada de alguma outra maneira». A terra passou a ser propriedade de todo o povo (do Estado). Os grandes latifundiários foram privados do direito de propriedade, imediatamente e sem qualquer indemnização. A terra foi entregue em usufruto aos que a trabalhavam. No total, 150 milhões de hectares de terra foram distribuídos pelos camponeses, em usufruto gratuito. Foram liquidadas por lei as suas dívidas ao banco agrícola, aos latifundiários, burgueses rurais e usurários. Os camponeses foram também libertados do pagamento das

rendas pela terra. O passo seguinte no sentido de dar uma vida abastada ao campesinato era inconcebível sem a industrialização. Porque só uma indústria desenvolvida podia fornecer ao campo todas as máquinas agrícolas e artigos industriais necessários. Compreendendo-o, o campesinato deu ajuda à industrialização, tanto em trabalho como em meios materiais.

Terceiro, um regime de rigorosa austeridade em todos os campos da vida económica. O Governo Soviético aplicou uma política de máximo barateamento e simplificação da máquina do Estado, de consolidação da disciplina financeira e de luta contra todo o tipo de excessos nos gastos das verbas do Estado.

Quarto, os empréstimos e impostos internos. Todos os empréstimos tiveram um carácter voluntário. Os títulos dos empréstimos estatais foram comprados por amplas camadas da população. No campo da política fiscal, o Estado partiu de dois princípios inabaláveis: aumento da rentabilidade das empresas do Estado e recusa de aumento dos impostos sobre os artigos de amplo consumo e as receitas dos trabalhadores.

Foram todas estas fontes de acumulação que garantiram a industrialização da URSS.

Os lucros das fábricas nacionalizadas depois de Outubro de 1917, bem como do comércio interno e externo, dos transportes e da banca passaram a ser encaminhados, centralizadamente, para a satisfação das necessidades da industrialização, deixando de ser despendidos no consumo supérfluo das classes ricas e no pagamento dos juros sobre os empréstimos estrangeiros (o Poder Soviético anulou as dívidas contraídas pela Rússia czarista).

O êxito da industrialização foi garantido pelo trabalho abnegado da classe operária, do campesinato

e da intelectualidade. Depois da revolução, a situação da classe operária mudou radicalmente. O proletariado transformou-se em classe governante. A revolução socialista declarou os meios e instrumentos de produção patrimônio de toda a sociedade. Nas fábricas, os operários, ainda há pouco dependentes dos patrões e por estes explorados, transformaram-se em trabalhadores livres, senhores das empresas em que trabalhavam. Por toda a parte, os sindicatos passaram a esforçar-se por que os operários participassem na gestão das empresas. Tudo isto mudou radicalmente a atitude dos operários para com o trabalho. O trabalho passou a ser uma questão de honra e uma necessidade não só económica, mas também moral. A jornada de trabalho foi reduzida EM TODAS AS EMPRESAS PARA 7 a 8 horas e foram decretadas férias anuais pagas. O salário foi estabelecido de acordo com a qualidade e a quantidade do trabalho fornecido.

Os homens, agora libertos da exploração e finalmente senhores dos seus destinos, passaram a esforçar-se por que as obras do quinquénio fossem concluídas antes do prazo estabelecido e por produzir mais do que o determinado pelo plano. Este esforço dos trabalhadores engrossou sensivelmente o orçamento do Estado e deu verbas suplementares para a industrialização do país.

Nos anos do primeiro quinquénio (1929-1932) — cumprido com antecipação — pôs-se em funcionamento, em média, uma grande empresa industrial por dia; no segundo quinquénio — três empresas por dia. Não é difícil imaginar, o que significaram esses ritmos sem precedentes na prática da construção industrial, se tivermos em conta que entre essas empresas figuraram obras gigantescas, tais como a empresa de automóveis de Nijni Nóvgorod (actual cidade de Górkí), nas margens do Volga. (A produ-

ção dessa empresa – camiões «GAZ», viaturas «todo-o-terreno» e automóveis «Volga» – é hoje amplamente conhecida no estrangeiro).

A fábrica de automóveis de Górkí foi obra do primeiro plano quinquenal. Eis um documento curioso dessa época – uma decisão do Comité regional da União das Juventudes Comunistas de Nijni Nóvgorod, de 1 de Setembro de 1931:

«Cada dia e cada hora que passam trazem ao país notícias vitoriosas das frentes da construção socialista. Entram em funcionamento, criados por milhões de mãos dos operários e trabalhadores do país, verdadeiros gigantes da indústria socialista: novas fábricas, minas, centrais eléctricas, caminhos de ferro, sovkhoses.

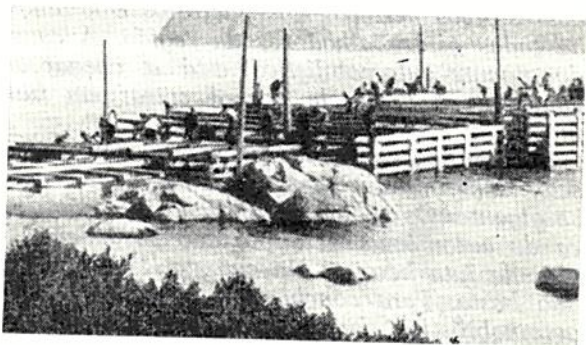
A classe operária do país, sob a direcção do Partido Comunista, lança os sólidos e inabaláveis alicerces da nova sociedade...

A classe operária, a todos os trabalhadores da nossa região, o país colocou uma tarefa histórica e de honra – a de construir e pôr em funcionamento um dos baluartes do socialismo: um gigantesco complexo automobilístico.

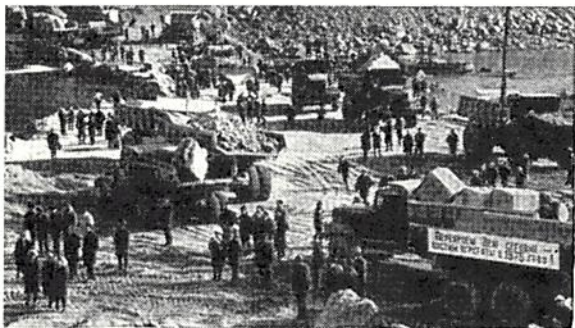
Esta tarefa está a ser cumprida com êxito, graças aos esforços heróicos dos operários e kolkhosianos, de todos os trabalhadores da região. A construção do gigante automobilístico está a chegar ao fim. Daqui a 50 dias, ele deverá entrar em funcionamento...

A organização regional da Komsomol enviou os seus melhores representantes para a construção desse gigante. Os «komsomóis» da construção da fábrica de automóveis deram e dão verdadeiros exemplos da luta heróica. No entanto, hoje em dia, isso não basta. Para concluir a construção do gigante automobilístico, para que ele entre em funcionamen-

Conhecidas obras do primeiro quinquênio: em cima — a fase inicial de construção de uma fábrica siderúrgica; em baixo — assim começaram os trabalhos de construção da central hidroelétrica no rio Dniepre.



A central eléctrica de Toktogul é uma das maiores obras do 9º quinquénio (Quirguízia).
A construção da central eléctrica de Zeisk, no Extremo Oriente.



to na devida altura, não são apenas os "komsomóis" que se encontram na obra que devem lutar, mas também todos os outros membros da organização local da Komsomol. Pôr fábrica em funcionamento no prazo indicado é uma questão de glória, valentia e heroísmo da organização da Komsomol da região de Nijni Nóvgorod. . ."

Os planos dos primeiros quinquênios, que pareciam fantásticos e irrealis aos observadores estrangeiros, foram cumpridos antes do prazo. A palavra de ordem «Cumprir o plano quinquenal em quatro anos» foi proposta pelos próprios trabalhadores e por eles concretizada.

No primeiro quinquênio, 3/4 dos investimentos feitos na indústria destinaram-se aos ramos produtores de bens de produção. Esta orientação da política económica só podia ser concretizada se contasse com o apoio das mais amplas massas trabalhadoras. O Partido Comunista conseguiu essa aprovação graças a um amplo trabalho de esclarecimento. As pessoas compreenderam que os seus interesses vitais, o seu futuro, exigiam precisamente essa orientação, o que implicava uma limitação provisória do aumento da produção de artigos de amplo consumo e do consumo em geral. A própria vida comprovou a justeza desta orientação. Após a Revolução Socialista, a situação dos trabalhadores melhorou rapidamente. As famílias operárias começaram a transferir-se dos autênticos tugúrios em que viviam para as casas outrora pertencentes aos ricos; os camponeses entraram na posse da terra e, no início dos anos 30, punha-se termo ao desemprego. . . Agora, havia que encaminhar todos os esforços para o desenvolvimento da indústria pesada para depois, na sua base, organizar a produção em massa dos artigos de amplo consumo. O mercado interno, como é evidente, não podia, com uma tal orientação, me-

lhorar de imediato; em contrapartida, porém, obtinha uma base real para essa melhoria no futuro.

Procurar as verbas necessárias e convencer o povo da justeza do caminho escolhido, eram, sem dúvida, factores importantes. No entanto, era impossível obter resultados práticos sem quadros qualificados. Para a Rússia, este era o problema mais agudo – criar uma indústria moderna num país camponês, onde a maioria da população ainda há pouco não sabia ler nem escrever e onde nem todos os especialistas concordaram logo em trabalhar para o socialismo. Para a indústria soviética em construção e em impetuoso desenvolvimento, eram necessárias em grandes quantidades operários qualificados, técnicos e engenheiros. Perante as direcções de milhares de empresas do país surgiu assim o agudo problema de formar quadros capazes não só de construir, mas também de dirigir devidamente as fábricas modernas. A tarefa foi resolvida de acordo com o plano estatal: foi rapidamente ampliada a rede de cursos e estabelecimentos de ensino. Preparavam-se também quadros directamente nas obras e em escolas especiais adjuntas às empresas. Os estrangeiros que nesses anos visitaram a União Soviética surpreendiam-se com a envergadura desse trabalho e o entusiasmo com que as pessoas ainda há pouco analfabetas dominavam os conhecimentos e os equipamentos técnicos.

As «Notas de um fundidor de aço», livro editado nos anos 40, conduz-nos à atmosfera daquela época. O seu autor, Makar Mazái, estabeleceu em 1936 o recorde mundial de obtenção de aço por um metro quadrado do forno. Durante a Segunda Guerra Mundial, Makar Mazái que vivia na cidade de Mariúpol (actual Jdánov, Ucrânia) ocupada pelos hitlerianos, recusou-se a trabalhar para o inimigo e foi cruelmente massacrado.

A biografia operária de Mazái começou em 1930, quando ele, um rapaz de 20 anos, deixou a sua aldeia e foi trabalhar para uma fábrica.

"... Compreendi - escreve Mazái - que, acima de tudo, precisava de me instruir, de adquirir conhecimentos. Era, nessa altura, quase totalmente analfabeto - mal sabia assinar o meu nome, com muita dificuldade conseguia ler a encomenda de fundição..."

- Sou analfabeto! - Esta ideia abalou-me como se tivesse de repente descoberto em mim um vício de que antes não suspeitava. De início, fiquei triste, pois parecia-me que já era tarde para estudar..."

Mazái explica depois porque é que o problema dos estudos se lhe colocou com tanta agudeza. O país vivia um ritmo impetuoso de criação, em que se refundiam as próprias noções até aí existentes sobre as possibilidades das pessoas e da técnica. A empresa em que trabalhava Mazái, crescia rapidamente, aumentava a fundição de aço e havia falta de fundidores experientes. Antes, considerava-se que, para ser um fundidor de aço qualificado, era necessário estudar, no mínimo, 5 a 10 anos. Mas a produção exigia-os agora muito mais rapidamente.

A tarefa só podia ser resolvida mediante novos métodos de instrução, baseados não só no estudo da experiência dos velhos mestres, mas também numa sólida preparação geral.

"Comecei por liquidar o meu analfabetismo - prossegue Mazái. - Um ano depois, entrava nos cursos técnico-profissionais e, em 1933/34, já seguia os cursos de fundidores de aço por correspondência adjuntos ao Instituto de Minas de Dnepropetrovsk.

No Outono de 1935, quando na URSS se desenvolveu amplamente o movimento stakhanovista (movimento dos trabalhadores de vanguarda por uma rápida assimilação dos novos equipamentos técnicos,

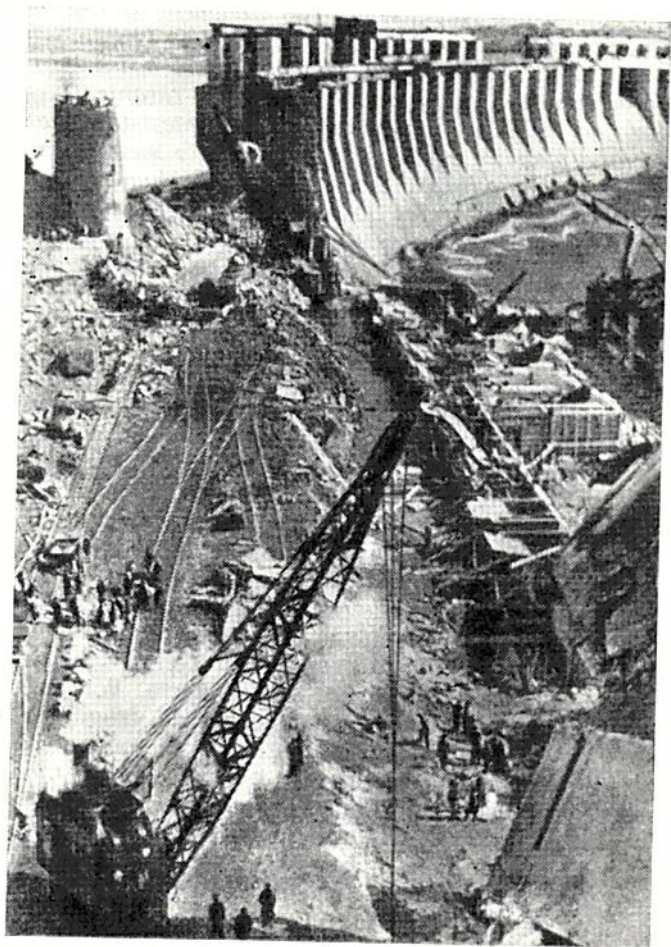
assim designado devido ao nome do seu iniciador – o mineiro Alexei Stakhánov), eu já era um fundidor de aço com bastante experiência. Também na nossa empresa surgiram os primeiros fundidores de aço stakhanovistas. Nessa época trabalhava-se com grande entusiasmo. As pessoas começaram mesmo a andar mais depressa na secção. Antes, o fundidor de aço sabia o que e como fazer, mas raramente se dava ao trabalho de pensar porque é que isto se faz de uma maneira e não de outra e muito menos pensava em como fazer melhor. Considerávamos que tudo isso eram tarefas dos engenheiros. E de repente, todos na secção passaram a dizer:

Se Stakhánov, na mina, trabalha por sete porque é que nós aqui não podemos fazer o mesmo?!»

Estas, portanto, as circunstâncias que levaram Makar Mazái a estabelecer o recorde mundial. Há certamente razão para nelas meditar.

As tarefas económicas que se colocavam ao país exigiam insistentemente um rápido desenvolvimento da personalidade: tanto do ponto de vista profissional, como cultural e social. Eram necessárias pessoas alfabetizadas, tecnicamente preparadas e socialmente activas que compreendessem a unidade dos seus interesses próprios com os do Estado. Para elas, as palavras «industrialização» e «quinqüênio» não eram noções abstractas, impostas por qualquer força alheia, mas sim a própria causa viva das suas mãos, da sua energia, do seu intellecto. Por isso, apareceram milhões de trabalhadores de vanguarda, por isso se cumpriram sistematicamente com antecipação os mais tensos planos e por isso surgiu uma sede geral de saber. Cabe justamente à revolução socialista o mérito de ter despertado a energia e a actividade criadora do povo até aí adormecidas. Foi essa a principal força que impulsionou o País dos Sovietes pelo caminho do progresso.

Os trabalhos de restauração, em 1945, da central hidroelétrica «Dnieproguês» destruída durante a Segunda Guerra Mundial.



Nesses anos, além de novos ramos da indústria, surgiu também um novo operário – construtor consciente da sociedade socialista. Para construir as novas fábricas e empresas, vieram das aldeias centenas de milhar de pessoas que até aí só conheciam o trabalho rural. Começavam como simples cavadores, mas um ou dois anos depois, obtinham profissões operárias, tornando-se torneiros e serralheiros qualificados.

Quando em Moscovo começou a construção de uma fábrica de camiões, os jovens cavadores ou pedreiros trabalhavam de dia nas obras e à noite frequentavam as escolas de ensino profissional. Desse modo, quando as diferentes secções da fábrica se acabavam de construir, eles começavam aí a trabalhar já como operários qualificados. Muitos continuaram depois a estudar nas escolas técnicas e nos institutos e tornaram-se dirigentes de sector ou de secção ou nos centros de projectos e nos institutos de pesquisa.

Sem ter estes aspectos em consideração é, pura e simplesmente, impossível compreender inteiramente o que se passou na União Soviética no início da industrialização. Como explicar, por exemplo, que no começo dos anos 30, muitos milhares de jovens tenham partido voluntariamente para o Extremo Oriente, para aí construir uma nova cidade – Kom-somolsk-sobre-o-Amur? Não os movia o desejo de bem-estar, pois sabiam que iam para um lugar vazio, onde nos primeiros tempos haveria literalmente falta de tudo. Sabiam que as casas em que viveriam tinham de ser construídas por eles próprios, ganhando terreno à taigá secular. Compreendiam que a fábrica na qual sonhavam trabalhar existia por enquanto apenas nos desenhos dos projectos e que, de início, todos teriam de trabalhar como construtores. Mas, apesar de tudo isso saberem e compreenderem,

eles partiram para as longínquas paragens do rio Amur, ao encontro de uma dura vida de pioneiros por um longo período. Muitos ligaram para sempre os seus destinos com essa terra de que gostaram, com os lugares em que realizaram o seu primeiro trabalho independente.

Visitei recentemente Komsomolsk-sobre-o-Amur, hoje uma grande cidade industrial com quase 250 mil habitantes, avenidas largas e casas confortáveis. É inclusive difícil imaginar que, há apenas pouco mais de 4 decénios, esta era uma terra selvagem no meio da taigá; que, no lugar onde agora se erguem um moderno hotel e um instituto politécnico, crescia densa vegetação através da qual se abriam as primeiras veredas e que, ali à beira do rio, onde se ergue hoje um excelente Palácio da Juventude, estavam instaladas as tendas dos construtores. . .

Encontrei-me com vários dos primeiros construtores da cidade. Muitos deles continuam a morar em Komsomolsk.

— Não lamenta ter passado os melhores anos da sua juventude longe da civilização, neste reino de mosquitos da taigá?

Não. Nenhum deles o lamenta. Eles encaram a construção deste baluarte oriental da indústria do país como a etapa mais difícil, mas também a mais cativante de toda a sua vida.

— Não nos limitámos a construir a cidade e a fábrica. Criámo-nos e experimentámo-nos a nós próprios. Komsomolsk tornou-se, para nós, uma excelente escola de vida. Viemos porque o país precisava. Pensávamos assim: «Se não formos nós, quem irá?» Não é, aliás, também assim que pensam os jovens que hoje vão construir o caminho de ferro Baikal-Amur?!

Sim. A comparação é plenamente justificada. Tanto porque o caminho de ferro Baikal-Amur passará

pela cidade Komsomolsk, como porque ele continua a causa iniciada pelos construtores da cidade do Amur. . . Naturalmente, a envergadura é outra, tal como são outras as possibilidades económicas e técnicas do país. Algo, porém, de muito importante une estas duas grandes obras – desejo do soviético de estar sempre onde é mais difícil, onde é mais necessário. . .

O «MILAGRE RUSSO»

Muitos observadores estrangeiros chamaram aos resultados dos dois primeiros planos quinquenais soviéticos «o milagre russo». A todos pareceu, com efeito, fantástico, o próprio facto de os soviéticos terem cumprido em oito anos e meio (logo em 1937), as gigantescas tarefas inicialmente previstas para 10 anos.

O país transformou-se numa inteira obra de construção. Abriram-se os alicerces de novas fábricas e minas, foram radicalmente reconstruídas as velhas empresas. Só no primeiro quinquénio (1929-1932), que foi cumprido antecipadamente, foram construídas mais de 1500 empresas industriais e surgiram novos ramos da indústria que a antiga Rússia desconhecia: construção de máquinas-ferramentas e de tractores e aviões, indústrias automóvel e química. A indústria, sobretudo a pesada, tornou-se o principal ramo da economia nacional. Na emulação económica dentro do país, o socialismo venceu todos os demais regímenes: capitalista, de pequena produção mercantil e patriarcal.

No segundo quinquénio (1933-1937), na URSS foram construídas cerca de 4500 fábricas, minas e outras empresas. Operários e especialistas assumiam voluntariamente as obrigações de construir e pôr



A restauração, em 1947, dos altos-fornos da fábrica siderúrgica «Zaporojstal» destruída pelos fascistas alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

Membros da Komsomol participando na construção do complexo siderúrgico de Magnitogorsk, em 1943.

em funcionamento com antecipação as obras e elevar a produtividade do trabalho. O povo passou a chamar a esses operários «trabalhadores de choque» do quinquénio. Nos fins de 1933, o seu número na indústria e nos transportes era já superior a 5 milhões. O movimento dos «trabalhadores de choque» contribuiu para o desenvolvimento da economia nacional e para o crescimento da riqueza do país.

A URSS ultrapassou, pelo volume global da produção industrial, todos os países europeus, inclusive a Inglaterra, a Alemanha e a França, em relação às quais tinha um atraso de quase um século, no começo do 1º quinquénio e passou a ocupar o segundo lugar do mundo. Foi criada a base técnico-material do socialismo e superada, assim, a contradição entre o avanço do sistema social e o atraso da economia.

No fim do segundo quinquénio, o sector socialista da economia fornecia já 99,1% do rendimento nacional, 99,8% da produção industrial, 98,5% da produção agrícola e abrangia toda a circulação comercial.

A União Soviética transformou-se numa potência independente também no plano técnico-económico, capaz de se manter por completo a si própria e de atender às suas necessidades de defesa. A política de industrialização socialista justificara-se. A indústria pesada, criada durante os primeiros planos quinquenais, passou a abastecer com equipamentos técnicos, em quantidades cada vez maiores, todos os ramos da economia nacional. A economia da URSS passou a desenvolver-se harmoniosamente, num constante progresso e a ritmos acelerados, na sadia base da planificação. Os planos quinquenais – ao contrário do que tinham vaticinado alguns autores estrangeiros – não esgotaram as forças da economia soviética – consolidaram-na, não só alargando a sua

envergadura, como tornando-a inclusive mais dinâmica e harmoniosa.

O socialismo conferiu à economia um carácter planificado, o que constitui, aliás, a grande vantagem do novo sistema. Os êxitos obtidos na concretização dos primeiros planos quinquenais de desenvolvimento da economia e cultura nacionais vieram provar isso mesmo.

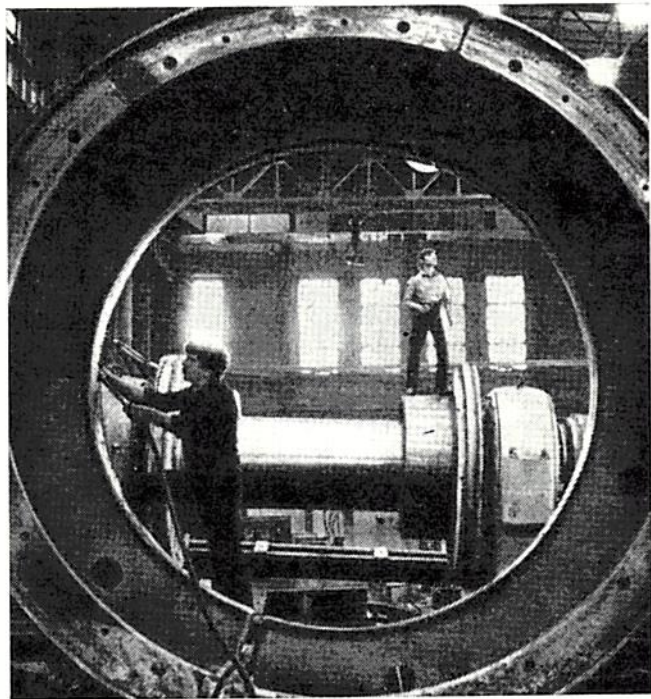
O mapa económico da URSS mudava a olhos vistos. Desaparecia progressivamente, a divisão anterior do enorme país em centro industrial e regiões periféricas atrasadas, meras fornecedoras de matérias-primas e produtos agrícolas. As nações e os povos, cuja igualdade jurídica fora proclamada logo depois da Revolução de Outubro de 1917, adquiriam uma igualdade real. Os povos da Ásia Central e da Transcaucásia, ajudados pelos povos irmãos da Rússia e da Ucrânia, realizaram transformações verdadeiramente históricas no desenvolvimento da economia e da cultura. Alguns deles passaram do feudalismo (e mesmo dos restos do regime tribal) ao socialismo. Deram-se os primeiros grandes passos na exploração das riquezas naturais da Sibéria e do Extremo Oriente. As cidades e fábricas construídas nesses anos tornaram-se, depois, pontos de apoio para o desenvolvimento industrial do Leste.

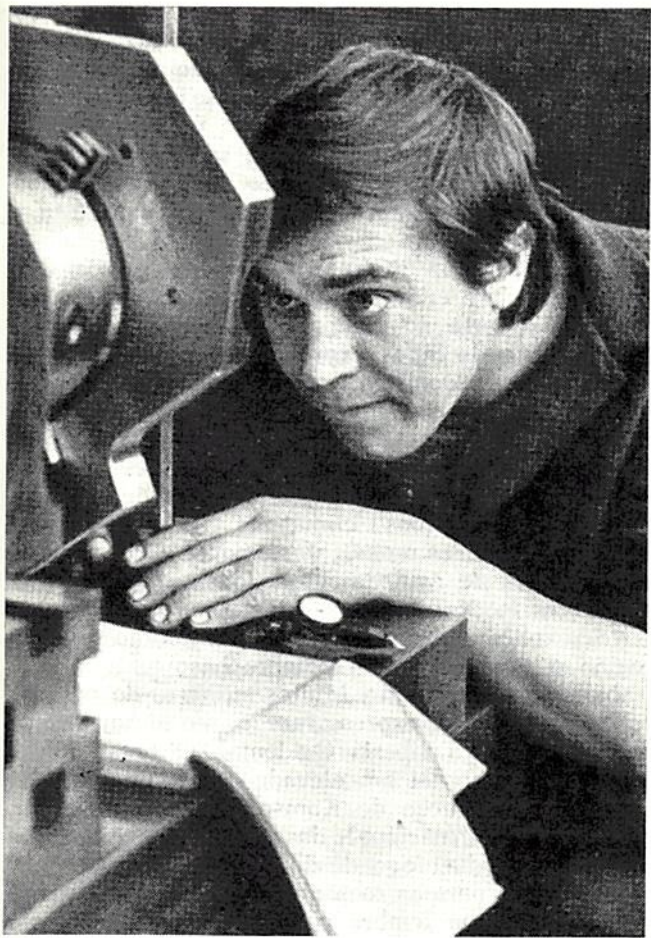
Nem todos (e nem sempre) compreendem correctamente esta particularidade da política económica do Estado Soviético. Muitos colocam-se esta questão: sendo absolutamente evidente que é mais barato e mais simples construir uma grande empresa siderúrgica numa região industrial do que, por exemplo, em Komsomolsk-sobre-o-Amur, porque é que a União Soviética — cujos meios e recursos eram, nos primeiros quinquênios, limitados — decidiu-se pela construção, notoriamente mais cara, das obras de indústria pesada nas regiões inexploradas da Sibé-

ria, do Extremo Oriente, do Cazaquistão e da Ásia Central, onde para tal não existiam, à primeira vista, quaisquer condições – nem mão-de-obra qualificada (por vezes não mesmo qualquer mão-de-obra!), nem estradas, nem base energética, nem consumidor «já pronto»?

Do ponto de vista da sociedade capitalista, cujo desenvolvimento económico é determinado pela corrida ao lucro máximo e não pelo interesse geral, é, com efeito, impossível encontrar uma resposta satisfatória a esta pergunta. A sociedade socialista tem, porém, outras leis. Sendo uma das suas principais tarefas garantir a igualdade real das pessoas, o socialismo não pode tolerar a existência de regiões periféricas atrasadas, herdadas do sistema anterior. O socialismo não hesita, portanto, em fazer despesas suplementares, em recorrer à redistribuição do rendimento nacional através do orçamento do Estado, em prol do igualamento dos níveis de desenvolvimento económico e social de todas as regiões do país.

Trata-se de uma política de longo prazo e não destinada a obter meras vantagens imediatas. As enormes dotações do orçamento do Estado e a ajuda – sobretudo do povo russo – em quadros, equipamentos técnicos, etc., permitiram, por exemplo, às repúblicas soviéticas da Ásia Central transformar-se em regiões desenvolvidas sob todos os aspectos. As suas economias, outrora atrasadas e de orientação unilateral, transformaram-se em complexos dinâmicos de valor que são – no contexto da divisão geral do trabalho ao nível de toda a União – cada vez mais importantes. Esta mudança radical seria inconcebível sem os primeiros centros industriais aí criados nos quinquénios anteriores à guerra. As empresas construídas nessa altura custaram realmente mais caro que empresas análogas edificadas nas regiões cen-





Surge uma nova geração da classe operária, diligente e ávida de conhecimentos.

trais. No entanto, elas deram início ao processo, cujos frutos o Estado Soviético colhe actualmente. As regiões periféricas atrasadas e de fraco desenvolvimento económico tornaram-se participantes activas do progresso.

Esta capacidade da economia socialista de concretizar programas a longo prazo, mobilizando enormes recursos para o seu cumprimento, manifesta-se também hoje em dia.

Basta citar, por exemplo, o caso da Sibéria Ocidental, em cujo enorme território — 40% do qual se encontra coberto de pântanos e semeado de quase meio milhão de lagos — em apenas alguns anos foi criada a maior região de extracção de petróleo do país. No estrangeiro, muitos foram os que qualificaram os projectos de exploração e assimilação dessa região de «aventura económica» destinada ao fracasso. Havia, claro, razões para dúvidas — rigorosíssimas condições climáticas, despovoamento, inexistência de estradas, afastamento dos centros fornecedores de equipamento e dos principais consumidores... No entanto, o Estado dirigiu-se ao povo, explicou a necessidade da exploração dessa região e assegurou uma potente base material aos trabalhos de construção. Muitos milhares de pessoas, sobretudo jovens, expressaram o seu desejo de ir trabalhar para a Sibéria Ocidental. O prestígio social deste plano foi tão elevado como, na sua época, o da construção de Komsomolsk-sobre-o-Amur.

A economia nacional da URSS desenvolveu-se numa base sadia, logo desde o início. Isto é igualmente válido para as regiões em exploração. Cremos que vale a pena lembrá-lo, pois, em princípio, são possíveis (e encontram-se na prática) diversas políticas económicas em relação a esse tipo de empreendimentos. Supunhamos que, num dado lugar se descobriu petróleo. Começa a «febre do petróleo»

constroem-se poços, oleodutos, etc. A região passa a ter interesse só como fornecedora de matérias-primas e combustíveis. Quando as reservas subterrâneas se esgotam ou a sua exploração se torna menos vantajosa, a região começa a entrar em declínio. Casos deste tipo existem em muitos países.

No socialismo, porém, isso não acontece, embora, como é evidente, o novo sistema social não possa garantir que os jazigos de matérias-primas e de combustíveis não se esgotem. . . A razão é outra. Na União Soviética, qualquer região é um complexo que faz parte de um organismo económico nacional único. Em qualquer região criam-se muitos ramos da indústria, capazes de utilizar eficientemente, no interesse do Estado, os recursos naturais locais e satisfazer as necessidades regionais. Enquanto o desenvolvimento unilateral cria a vulnerabilidade, a harmonia garante uma perspectiva. Por isso, o encerramento de uma mina de carvão na Bacia Carbonífera de Donétz, na Ucrânia, por exemplo, não constitui uma tragédia para a população, ao contrário do que acontece em semelhantes situações nos países capitalistas. A economia planificada da URSS permite construir antecipadamente, nessa região, empresas de outros ramos da indústria, nas quais as pessoas sempre encontrarão emprego. Por outro lado, num caso desses, os ex-mineiros poderão sempre obter, gratuitamente, novas profissões nos estabelecimentos de ensino. . .

As regiões orientais do país seguem pelo mesmo caminho, embora, à primeira vista, possa parecer prematuro pensar no esgotamento das suas reservas de petróleo, gás e carvão. Trata-se, porém, de uma questão de princípio: as regiões que possuem riquezas naturais desenvolvem-se aceleradamente, mas não transformaram-se em meros apêndices de matérias-primas e combustíveis. Elas devem, pelo

contrário, participar, em igualdade de direitos, na divisão regional do trabalho, construindo empresas da indústria transformadora. Quer dizer – além de fornecerem petróleo, gás ou carvão, essas regiões devem também produzir materiais de construção e químicos, metal, máquinas, etc. Para os seus habitantes, cria-se assim um amplo leque de profissões. As regiões com orientação unilateral de desenvolvimento não têm, como é evidente, tais possibilidades.

Mais um aspecto se deve mencionar quando se fala do primeiro período da industrialização. Trata-se do carácter consequente e constante da política económica do Estado socialista. Quando foi lançada a palavra de ordem de industrialização, isso não significava que se deviam construir umas tantas mil novas fábricas, e pronto. A industrialização era muito mais do que isso – significava a construção em massa de novas empresas, preparada pelas etapas anteriores do desenvolvimento económico, supunha uma reestruturação radical de toda a economia nacional numa base técnica moderna e o seu ininterrupto aperfeiçoamento. Deviam, portanto, resolver-se, simultaneamente, questões de ordem imediata e questões estratégicas. Muito do que foi iniciado nos primeiros quinquénios, só passou, com efeito, a dar os resultados desejados muito mais tarde.

Uma das particularidades da industrialização socialista consistiu também no facto de ela ter garantido um aumento constante do nível de vida material e cultural das massas trabalhadoras. Graças, por exemplo, ao cumprimento do plano – só do segundo quinquénio – o fundo salarial dos operários e empregados aumentou 2,5 vezes. As despesas do Estado com os serviços na cidade e no campo, com a educação, a saúde pública, a cultura física, o desporto e com a segurança social cresceram, no mes

mo período, 3,7 vezes. Aumentaram sensivelmente as despesas do Estado com o melhoramento das condições habitacionais e de vida dos trabalhadores. Nessa mesma altura, foram estabelecidas e não mudaram até agora – as tarifas das rendas de casa e dos serviços comunais – aquecimento, água, luz, etc. – (as mais baixas do mundo).

O desenvolvimento bem sucedido da economia nacional da URSS, sobretudo da indústria, na base da técnica moderna, seria impossível sem a formação de quadros operários qualificados. Ora esses quadros não existiam. Havia apenas um exército de desempregados, herdado pela jovem república do czarismo, da guerra e da ruína.

Por volta de 1926, quando a economia nacional se encontrava já totalmente reconstruída, começou a ofensiva contra o desemprego. O rápido desenvolvimento da indústria, a redução da jornada de trabalho para 7 horas, a introdução de culturas trabalhosas na agricultura e outras medidas permitiram acabar definitivamente com o desemprego, logo no decurso do primeiro quinquénio.

Nesse mesmo período, a maioria esmagadora da população adulta do País dos Sovietes aprendeu a ler e a escrever. Em 1930, foi introduzido o ensino primário obrigatório, totalmente gratuito.

Só nos quatro anos do primeiro quinquénio, os institutos e as escolas técnicas deram à economia nacional quase 200 mil novos especialistas com instrução superior e mais de 319 mil técnicos com instrução média. O ensino superior, médio especializado e secundário foi amplamente desenvolvido em todas as 15 repúblicas federadas e em 20 repúblicas autónomas.

Em 1977, havia na União Soviética 126,1 milhões de pessoas com instrução superior e média (completa ou incompleta). Actualmente, 10 milhões de espe-

cialistas com instrução superior e 14 milhões com instrução média especializada trabalham na economia nacional da URSS.

A DURA PROVA DA GUERRA

O terceiro plano quinquenal estava calculado para 1938-1942. Mas, no dia 22 de Junho de 1941, a Alemanha fascista atacou traiçoeiramente a União Soviética. A construção pacífica foi interrompida. O povo soviético tinha agora que mostrar, na luta armada aberta, a eficiência com que utilizara os anos contados de vida pacífica.

Escutemos a linguagem dos números. Só em 1926, a economia da URSS recuperara o nível de 1913, isto é, o nível com que a Rússia czarista entrara na Primeira Guerra Mundial e que, como já dissémos, era absolutamente insuficiente para o êxito das operações militares, nessa altura.

Em 1941, o quadro era já totalmente diferente, embora de 1926 até ao início da guerra tivessem decorrido apenas 15 anos. Mas, que anos! Anos plenos do bom trabalho criador de todo um povo que soube criar uma base económica capaz de fornecer à frente tudo o que ela necessitava: material de guerra, armas e o mais diverso equipamento. Durante a guerra, a União Soviética produziu 50% mais metralhadoras, cinco vezes mais morteiros, duas vezes mais canhões, tanques e canhões autopropulsadas e quase 50% mais aviões de guerra que a Alemanha hitleriana. Em Dezembro de 1941, o Exército Soviético dispunha de 3688 aviões e 1984 tanques e canhões autopropulsadas, em Janeiro de 1945, esses números eram já de 15540 e 12900, respectivamente. E isto apesar do facto de toda a economia da Alemanha se encontrar adaptada às neces-

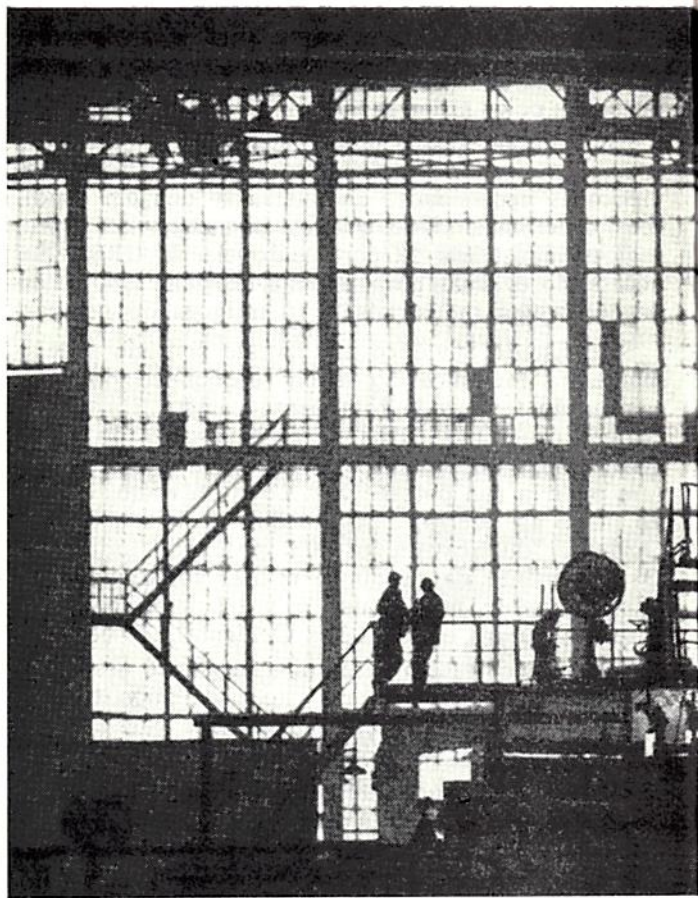
sidades da guerra, desde a chegada do fascismo ao poder, e de, em 1941, terem trabalhado para o exército invasor as fábricas de todos os países da Europa ocupados pelos hitlerianos.

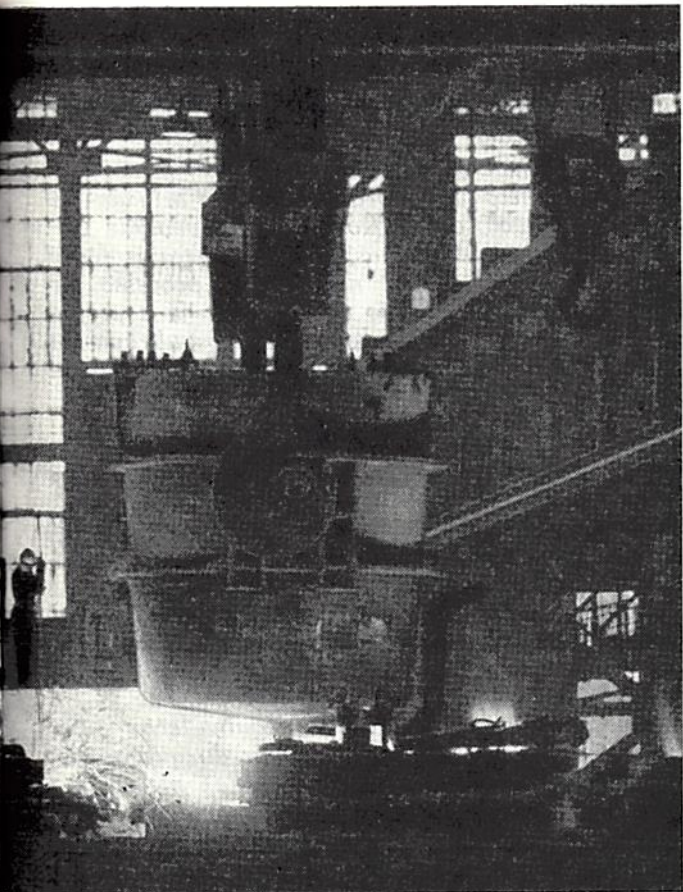
Esta comparação é tanto mais ilustrativa quanto é certo que a adaptação da economia nacional soviética às necessidades da guerra se deu em condições difícilíssimas, dado que os invasores ocuparam regiões industriais da parte europeia da URSS. Foi necessário evacuar para o Leste do país 1360 grandes empresas industriais e 10 milhões de pessoas.

Se o Estado Soviético não tivesse pensado previamente na mudança do mapa económico do país, a situação teria sido totalmente catastrófica. Nesse período difícilíssimo, os baluartes industriais do Leste, criados nos quinquênios anteriores à guerra, fizeram ouvir a sua potente voz. Logo dois anos depois do início da guerra, a região dos Urais e a Sibéria Ocidental duplicavam a sua produção industrial. O crescimento da produção militar foi ainda mais impressionante nos Urais — 5 vezes superior à de antes da guerra e na Sibéria Ocidental, 27 vezes. . .

Extremamente complexa foi a tarefa de assegurar à indústria a mão-de-obra capaz de substituir os milhões de homens que tinham partido para a frente de combate. Na segunda metade de 1942, porém, 1/3 dos operários tinham já sido substituídos nos seus postos de trabalho por mulheres e adolescentes. A sua aprendizagem nas condições do tempo de guerra foi concretizada com êxito pelo sistema socialista. Recorreu-se para tal à experiência de formação massiva de quadros do período da industrialização.

Eis o que escreve a esse respeito o serralheiro-montador A. Chachkov, no livro «Caminho da brigada», publicado em 1944:





A instalação para o vazamento ininterrupto do aço na fábrica siderúrgica de Novolipetsk.

«Quando começou a guerra, foi logo necessário aumentar a produção de máquinas-ferramentas especiais, pois a exigência da frente de combate — «Mais projecteis! Mais canhões! Mais aviões!» — significava para nós «Mais máquinas-ferramentas!»

Propus ao chefe de secção:

— Comprometo-me a organizar uma brigada de aprendizes, membros da Komsomol (Juventude Comunista). Vamos montar as máquinas-ferramentas e a aprendizagem far-se-á no próprio processo de montagem. Porque, se não começarmos já a preparar novos operários, não conseguiremos ultrapassar o plano e se tirarmos serralheiros para que ensinem os novatos, a montagem parará. . .

Quando me comprometi a preparar novos montadores e comecei a criar a brigada, vieram ter comigo vários adolescentes que possuíam 5 a 7 anos de escola secundária, mas não tinham a menor noção do que era trabalhar com o metal nem da especialidade de montador.

. . . Era preciso trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Mas como organizar o ensino? Não tínhamos tempo nem para organizar qualquer curso, nem para estudar as matérias. . .

Começamos a montar uma máquina-ferramenta. Quem é capaz de conhecê-la melhor do que os engenheiros-construtores, autores deste mecanismo complexo? Sentíamos que, se compreendéssemos a «alma» da máquina e conhecéssemos bem as suas particularidades, trabalharíamos com mais segurança e, por conseguinte, mais produtivamente.

Nos planos das nossas «aulas» não figuravam nem a tecnologia dos metais, nem os princípios de construção de máquinas de cortar metal. Como objecto de estudos tínhamos uma só matéria — a própria máquina-ferramenta que montávamos, a sua finali-

dade, a finalidade de diversos mecanismos, a sua montagem e a sua acção mútua.

O chefe de secção convidou o construtor da máquina que montávamos. Todos os dias, à hora marcada, o professor aparecia no nosso sector.

Havia 16 meses antes, quando se formara a nossa brigada, montávamos 6 máquinas, no máximo. Agora, montávamos 6 vezes mais! Este nosso êxito devia-se ao facto de termos procurado métodos mais perfeitos da montagem, aumentado a qualificação de cada operário e dado grande atenção à organização do trabalho na brigada.

Procurávamos avançar no trabalho tal como avançavam os nossos soldados na frente de batalha».

Autores ocidentais afirmam com frequência que a União Soviética teria ganho a guerra não com as suas próprias armas, mas sim com as armas e o material bélico fornecidos pelos aliados. Não minimizando a importância desses fornecimentos – que sem dúvida desempenharam um importante papel – não se pode, entretanto, de maneira nenhuma, estar de acordo com tal afirmação. Durante a guerra, a indústria soviética deu às Forças Armadas 489.900 peças de artilharia, 136.800 aviões e 102.500 tanques. No mesmo período, dos EUA e da Inglaterra foram recebidos 9.600 peças de artilharia, 18.700 aviões e 10.800 tanques... Deve-se acrescentar, também, que a indústria soviética produzia tanques, canhões e aviões superiores pelas suas características aos fornecidos pelos aliados. Os tanques «T-34», por exemplo, eram, reconhecidamente, os melhores do mundo.

Além disso, a União Soviética suportou o principal peso da guerra. Trata-se de um facto inegável, embora nem todos no Ocidente queiram hoje reconhecê-lo... Porém, como se costuma dizer, contra factos não há argumentos. A partir de 1941, na frente

soviético-alemã estavam constantemente concentradas mais forças terrestres da Alemanha que em todas as demais frentes tomadas em conjunto. A Alemanha hitleriana sofreu precisamente aí, quase três quartos das suas perdas totais. Essa derrota foi assegurada pelos combatentes soviéticos, aos quais a indústria nacional, criada nos dois quinquênios anteriores à guerra, pôde dar todos os armamentos e munições necessários.

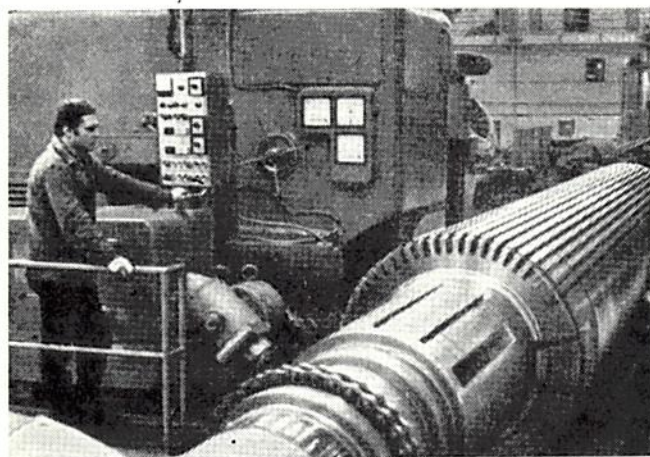
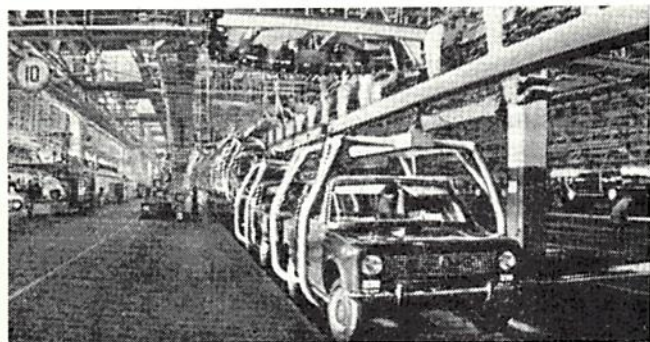
A GESTA DA RECONSTRUÇÃO

Maio de 1945. Com a vitória sobre a Alemanha fascista terminava na Europa a Segunda Guerra Mundial, a mais sangrenta e destruidora guerra da história. Só na URSS foram reduzidas a ruínas e a cinzas 1710 cidades e povoações e mais de 70 mil aldeias. Cerca de 25 milhões de pessoas ficaram sem tecto. Os fascistas destruíram 31850 empresas industriais, nas quais outrora trabalhavam cerca de 4 milhões de operários. Era agora necessário reconstruir 65 mil quilómetros de caminhos de ferro, 84 mil escolas secundárias e técnicas e institutos, 98 mil kolkhoses, 1876 sovkhoses... Em comparação com 1936, a riqueza nacional do país decresceu um terço. O decréscimo da produção agrícola e dos artigos de consumo foi ainda maior...

O quarto quinquénio (primeiro do após-guerra - 1946/1950) tinha, portanto, como seu grande objectivo curar essas feridas gravíssimas.

Imaginemos o clima psicológico dessa época. Em 1945, assinalava-se o 28º aniversário da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro. Durante todos os anos anteriores à guerra, os soviéticos tinham trabalhado, sem poupar esforços, pela construção de um futuro luminoso e de uma vida feliz

Na oficina de montagem da fábrica de automóveis Voljski.



O rotor do futuro turbogenerador com a potência de 1.200 mil kw, produzido na fábrica «Electrossila» de Leninegrado.

para as gerações vindouras, renunciando conscientemente a muita coisa, em prol deste nobre objectivo. Mas, viera a guerra. . . A invasão hitleriana reduziu em grande parte a nada os resultados desse abnegado trabalho. Era, agora, necessário começar muita coisa de novo. E tudo isso, depois de uma tensão incrível, depois dos sacrifícios e das privações sem fim dos anos de guerra. Sem tréguas, sem descanso, era necessário passar dos combates para os dias de trabalho dos tempos de paz, os quais exigiam o mesmo heroísmo e a mesma organização.

Começámos a reconstruir a economia nacional ainda durante a guerra. Os construtores seguiam praticamente atrás do Exército Soviético em ofensiva.

Eis um dos documentos característicos desses dias – o Apelo do Comité Central da Komsomol aos jovens que foram reconstruir Estalinegrado. (Nesta cidade – hoje Volgogrado –, que nos anos dos quinquênios anteriores à guerra se tornara um grande centro industrial, travou-se uma das batalhas decisivas da Segunda Guerra Mundial. A foto «Ruínas de Estalinegrado» tirada em 1943, que nos mostra um mar infinito de carcaças queimadas de edifícios, percorreu o mundo inteiro. Era necessário construir a cidade de novo).

«Camarada! – dizia-se no Apelo. – Levantam-se muitas dificuldades no teu caminho. Em lugar das ruínas, terás que construir fábricas gigantescas, moradias, teatros e escolas. Tens por diante dias e noites de um trabalho tenaz e abnegado, uma vida dura de construtor-combatente. Mas, por mais dificuldades que tenhas, lembra-te sempre de que aqueles, que, pouco antes de ti, defenderam este lugar onde tu trabalhas, passaram dificuldades muito maiores. Nos primeiros tempos, viverás como eles viveram:

em casas de terra e tendas. Com a picareta e pá, passarás pelo caminho que eles percorreram com a espingarda. . .»

As palavras «picareta e pá» têm, no texto, um sentido rigorosamente literal. Toda a indústria trabalhava para a guerra e não podia dar, nessa altura, aos construtores nem bull-dozers, nem raspadeiras, nem outras máquinas e instrumentos de trabalho. No entanto, isso não impediu a concretização do «milagre russo». No fim de 1948, a indústria da URSS alcançou o nível de antes da guerra. E, no fim do quinquénio, esse nível foi superado em 70%.

O povo que acabara de perder na guerra 20 milhões dos seus filhos em apenas pouco mais de três anos reconstruiu a industria do país. E isto depois dos invasores terem procurado destruir literalmente tudo num território cerca de 7 vezes superior ao da Grã-Bretanha. Foram, claro, anos difíceis. Faltavam habitações: a situação era considerada «normal» quando num apartamento viviam algumas famílias – um quarto para uma família. O consumo dos principais alimentos foi reduzido – o sistema de racionamento só foi abolido em 1947. A maioria das famílias vivia sem frigoríficos, máquinas de lavar roupa e outros electrodomésticos, hoje em dia objectos habituais de primeira necessidade.

No entanto, no país reinava uma atmosfera de plena confiança. O socialismo tornou as pessoas optimistas. Cada um via que, hoje vivia melhor do que ontem e sabia que, amanhã viveria ainda melhor. É esta a lógica do desenvolvimento da sociedade socialista e da sua economia.

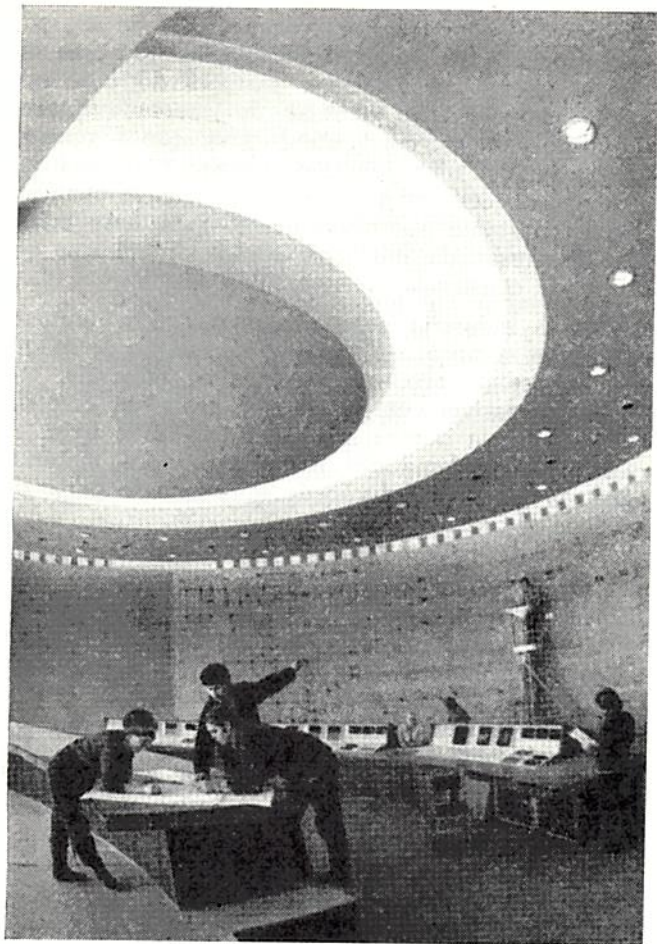
Cada um compreendia que as pessoas passam dificuldades porque todo o país as passa. O Estado não lançou as dificuldades do período de reconstrução sobre os ombros dos trabalhadores. Por exemplo – não foram aumentados os impostos, nem os

preços dos artigos de amplo consumo, nem a renda de casa. . . O Estado tão-pouco procurou acalmar as pessoas com promessas irreais. O povo sabia a verdade e via que se fazia tudo para facilitar a sua situação.

Como já dissémos, em 1947 foi abolido o sistema de racionamento. Ao mesmo tempo, foi realizada uma reforma monetária. A necessidade dessa medida foi ditada pelo facto de a guerra ter sensivelmente desorganizado a circulação monetária. Por cada rublo em circulação, havia três vezes menos mercadorias que antes da guerra e a capacidade aquisitiva do rublo decaíra muito. O excesso da massa monetária impedia a normalização da economia. Por isso, o dinheiro velho foi trocado por novo, com normal capacidade aquisitiva. Durante o quarto quinquénio, os preços das mercadorias baixaram três vezes.

Tal como nos anos anteriores à guerra, os recursos básicos foram encaminhados para o desenvolvimento da indústria pesada — eixo do desenvolvimento de toda a economia. Não existia nenhuma contradição entre essa linha e a tarefa fundamental da produção socialista — o aumento do bem-estar do povo. A satisfação cada vez mais completa das necessidades materiais e espirituais das pessoas não é uma medida a curto prazo do Estado socialista — é a sua política invariável. Mas só é possível concretizá-la conseqüente e invariavelmente com base no crescimento sistemático da eficiência da produção social, do seu nível técnico. Por outras palavras, existe uma ligação directa entre o desenvolvimento acelerado dos ramos da indústria decisivos para o progresso técnico e o aumento do bem-estar.

O que foi que nos anos posteriores à guerra limitou as possibilidades da satisfação das necessidades dos soviéticos? Em primeiro lugar, o déficit dos



Os trabalhos de montagem na sala de comando do Sistema Energético Único da URSS.

artigos de amplo consumo. Dar prioridade à produção precisamente destes artigos, teria sido uma «solução» apenas provisória e instável do problema, com uma saturação parcial do mercado interno. Para um aumento constante da produção dos artigos de consumo e uma elevação sistemática da sua qualidade, é necessário ter uma base técnica avançada e em constante aperfeiçoamento. Esta base cria-se nas empresas da indústria pesada: mecânica, química, de construção de aparelhos, etc.

Sem a indústria pesada, sem o desenvolvimento de ramos como a indústria de construção de máquinas agrícolas, produção de adubos minerais, etc., seria impossível compensar os prejuízos colossais causados pela guerra à agricultura, quer dizer, resolver o problema dos alimentos e das matérias-primas para a produção de uma grande parte dos artigos de consumo.

No após-guerra, faltava mão-de-obra no campo. Quase cada família perdera pai, marido ou filho. Em 1950, a população rural era muito menor que antes da guerra. Além disso, os invasores levaram para a Alemanha 7 milhões de cavalos e 17 milhões de cabeças de gado bovino, pilharam e destruíram uma quantidade enorme de maquinaria agrícola. A colheita anual média de cereais, no quarto quinquênio, foi quase duaz vezes inferior à de antes da guerra. Também a dura seca de 1946 teve as suas sérias consequências. . .

Havia apenas uma saída radical para esta situação: o aumento da eficiência da agricultura, fornecendo-lhe boa maquinaria, adubos minerais e quadros qualificados e melhorando a sua organização. . . Quer dizer, também a solução deste problema dependia do desenvolvimento da indústria pesada. Além disso, o desenvolvimento da indústria pesada

impunha-se para consolidar a capacidade defensiva do país — o Ocidente dava então início à «guerra fria» contra a URSS.

O povo soviético concluiu o cumprimento do quarto plano quinquenal em 1950. Porém, os seus resultados práticos não podem ser medidos apenas com números. Os resultados do trabalho abnegado daqueles anos foram a base de um novo arranque da economia e do rápido crescimento do nível de vida dos trabalhadores.

Em 1955, no final de mais um quinquénio — o quinto — o rendimento nacional da URSS era já 2,81 vezes superior ao de 1940. Os fundos básicos de produção duplicaram, a produção industrial cresceu 3,2 vezes, e a produção de bens de produção — 3,9 vezes.

Durante o 5º quinquénio, surgiu um novo aspecto na emulação económica do socialismo com o capitalismo. Havia muito (desde o primeiro quinquénio), que a União Soviética ultrapassara os principais países capitalistas pelos ritmos de aumento da produção social. No entanto, as percentagens são uma coisa, e o volume absoluto do crescimento, outra. Ocupando o primeiro lugar no que respeita à percentagem, até ao quinto quinquénio a URSS continuava atrás dos países capitalistas no que se refere ao aumento absoluto dos mais importantes tipos de produção. Quer dizer — a diferença relativa (em percentagem) diminuía, mas a absoluta (em toneladas) aumentava. Os inimigos do socialismo referiam-se frequentemente a este fenómeno para tentar provar que a União Soviética nunca alcançaria os países capitalistas economicamente desenvolvidos. Porém, a lógica do crescimento é tal que uma percentagem de crescimento mais elevada durante um período duradouro acaba por determinar um crescimento absoluto mais elevado. No quinto quinquénio, a

URSS ultrapassou os seus adversários na emulação económica em ambos os indicadores do crescimento.

O aumento do volume da produção foi acompanhado pelo rápido crescimento do seu nível técnico. No quinto quinquénio, foram criados mais de 2 mil tipos de novos mecanismos e máquinas, entraram em funcionamento 83 linhas automáticas de máquinas - ferramentas e uma fábrica automática de produção em massa de êmbolos para motores de automóvel. Em 1954, entrou em funcionamento a primeira central industrial átomo-eléctrica do mundo.

Na base dos êxitos da indústria pesada, foram reequipados e aperfeiçoados todos os ramos da economia nacional, inclusive os produtores de artigos de consumo. E também, naturalmente, a agricultura.

É evidente, contudo, que os resultados desse reequipamento não se podiam fazer sentir imediatamente em toda a sua expressão. Ainda continuávamos longe da saturação do mercado. O Estado, pura e simplesmente, não tinha recursos bastantes para desenvolver com a mesma rapidez todos os ramos da economia.

Deve sublinhar-se que os quinquénios não foram, nem são uma simples sucessão de êxitos e vitórias. Em cada etapa, houve e há dificuldades e obstáculos. Houve dificuldades também no cumprimento do quinto quinquénio (o segundo depois da guerra). Umhas ditadas por causas objectivas (falta de verbas, etc.), outras devidas a factores subjectivos: algumas falhas na planificação e deficiências no trabalho de direcção económica.

O atraso crónico da agricultura foi a principal dificuldade desse quinquénio. Nos três primeiros anos do quinquénio, ela desenvolveu-se 13 a 15 vezes mais lentamente que a indústria, limitando assim as possibilidades de aumento do bem-estar do

povo. Graças às medidas enérgicas tomadas, a produção agrícola básica desenvolveu-se rapidamente, embora continuasse a manter-se atrasada, face às necessidades da população.

Também alguns ramos industriais importantes — a siderurgia, as indústrias de combustíveis, ligeira e alimentar — se desenvolviam a ritmos inferiores aos óptimos.

Estas diversas dificuldades e desproporções eram, contudo, inevitáveis num país que acabara de sair de tão pesada guerra.

Apesar disso, porém, 10 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética era já uma potência altamente desenvolvida em todos os aspectos. Este resultado, obtido graças à economia socialista planificada e ao trabalho abnegado do povo, exerceu uma influência cada vez maior sobre a opinião pública mundial. Muitos países que escolheram a via de desenvolvimento independente passaram a olhar com atenção para a experiência da URSS, avaliando devidamente as vantagens produzidas pelas nacionalizações da indústria, comércio, banca, pela concentração dos recursos fundamentais nas mãos do Estado e pela introdução da planificação na economia nacional.

O lançamento, pela União Soviética, em 1957, do primeiro satélite artificial da Terra, demonstrou que o país atingira um elevado nível técnico-científico. Para o observador estrangeiro convencido de que pelas ruas de Moscovo passeavam ursos, esse facto teve a consistência de um choque. Não havia, entretanto, motivo para surpresas. O primeiro satélite soviético só constituiu um choque para aqueles que durante muito tempo, voluntária ou involuntariamente, tinham fechado os olhos ao progresso económico, científico e técnico da URSS.

Era, portanto, mais que tempo de tirar as devidas conclusões. Os êxitos do socialismo no cosmos foram preparados na Terra – nas fábricas, nos laboratórios, nas universidades e nas obras de construção. A nave cósmica é uma síntese dos ramos mais modernos da produção, da ciência e da técnica (electrónica, ligas especiais, semicondutores, bioquímica)... O primeiro satélite artificial da Terra veio demonstrar que todos esses ramos não só existiam na URSS, como funcionavam a um nível que, de imediato, não era acessível ao Ocidente. Como se poderia negá-lo? A propaganda ocidental encontrou uma saída: afirmou que o Estado Soviético concentrara todos os esforços na solução de um único problema e que, ocupando embora o primeiro lugar no que respeitava ao cosmos, se atrasara no restante, sacrificando o bem-estar do seu povo aos satélites de prestígio...

As pessoas começaram, porém, a acreditar cada vez menos neste tipo de «explicações»... O intercâmbio de informações e de visitas mútuas cresceu, aumentou a cooperação internacional. As pessoas dos países capitalistas que visitavam a URSS viam com os seus próprios olhos e convenciam-se de que o arranque soviético no cosmos se apoiava numa base sólida e que o potencial económico, científico e técnico criado pela URSS era importante e dinâmico. Os mais perspicazes souberam inclusive prever que, depois do primeiro satélite soviético, se seguiriam outras realizações sensacionais, e que muito em breve o Ocidente teria de reconhecer na URSS um digno parceiro de cooperação em todos os campos da ciência e da técnica.

O povo soviético lançara, com efeito, com o seu trabalho, nos anos dos primeiros quinquênios, as bases dessa magnífica metamorfose.

Poderia parecer que não existe qualquer ligação entre as fábricas construídas havia mais de 4 decénios com instrumentos de trabalho rudimentares e as mais complexas instalações espaciais. Mas essa ligação existe, e é mesmo a mais directa.

Vejam os porque.

Um país técnica e culturalmente atrasado, embora com grandes possibilidades potenciais, não pode começar pelas espantosas realizações cósmicas. Primeiro, terá que transformar-se. E é a indústria pesada, que, através dos seus fornecimentos de modernos bens de produção a todos os ramos da economia nacional, atribuindo o necessário dinamismo à economia e possibilitando o aproveitamento dos êxitos da revolução científico-técnica, desempenha o papel principal nessa transformação. Alcançada uma certa harmonia, o desenvolvimento acelerado dos ramos industriais decisivos para o progresso técnico apoiar-se-á num fundamento sólido e não provocará desproporções perigosas, como aquelas com que se defronta constantemente o mundo capitalista.

Para evitar mal-entendidos, convém fazer uma ressalva. É impossível obter uma harmonia total na prática económica. Registam-se sempre desproporções. Há, porém, também neste aspecto, uma diferença essencial entre os dois sistemas sociais opostos, tanto na compreensão da harmonia como nos métodos de alcançá-la.

A economia socialista baseia-se na propriedade de todo o povo sobre a terra e todos os outros principais meios de produção. A sua principal tarefa consiste em satisfazer as necessidades materiais e espirituais das pessoas. Para o socialismo, a harmonia significa o progresso da produção social em todos os sentidos, a bem do conjunto da sociedade. Daqui a procura constante de formas e métodos cada



No jardim de inverno do sanatório profiláctico da fábrica de laminação de tubos, na cidade de Tcheliábinsk.

É agradável repousar em casa depois de uma jornada de trabalho.

De ano para ano, cresce e embelezase a cidade de Ufá, capital da Baskíria.



vez mais perfeitos de gestão económica, a atracção de milhões de pessoas à gestão da produção, a constante superação das desproporções temporárias, etc. Por outras palavras – o desejo de harmonia no socialismo traduz-se na política económica planificada do Estado, sendo causa de cada um e de todos.

Tudo isto é impossível na sociedade que se baseia na propriedade privada, onde o desenvolvimento económico e as suas direcções são determinados pela aspiração dos monopólios a auferir os maiores lucros possíveis. Os empresários capitalistas procuram sempre, com efeito, obter lucros, mesmo quando isso contradiz os interesses da sociedade.

Um dos exemplos mais recentes destas duas atitudes diferentes para com o desenvolvimento da

economia é a situação no domínio das fontes de energia. Os países árabes, como se sabe, aumentaram o preço do petróleo. Esta medida não provocou a diminuição dos lucros dos maiores monopólios petrolíferos que há decénios vêm pilhando as riquezas dos países do «terceiro mundo». Para não verem diminuídos os lucros, os monopólios fizeram imediatamente subir em flecha os preços dos derivados do petróleo. Continuando a enriquecer-se, eles lançaram todas as dificuldades sobre os ombros dos consumidores, contribuindo, portanto, para o crescimento da inflação e de outras «chagas» da economia capitalista. Foram, aliás, também os consórcios petrolíferos que, em tempos, desenvolveram ilimitadamente o consumo do petróleo, impedindo a produção de automóveis com motores mais económicos, criando obstáculos (nomeadamente através da concorrência) à utilização de outras fontes de energia e impedindo o estabelecimento de relações iguais em direitos e mutuamente vantajosas entre os países produtores e os países consumidores de petróleo. Foi esta política egoísta que deu artificialmente origem à crise energética com que se debate, hoje em dia, o Ocidente.

Na URSS, não há nem se prevê qualquer crise energética. E isto não só porque o nosso país é rico em recursos naturais. A Rússia czarista também possuía todas essas riquezas, mas, em produção de energia eléctrica, por exemplo, estava muito atrasada em relação a todas as grandes potências capitalistas. Ela extraía uma quantidade ínfima de petróleo e praticamente não explorava jazigos de gás. O facto de a União Soviética produzir, hoje em dia, mais energia eléctrica que a Inglaterra, a França, a RFA e a Itália juntas não pode, portanto, ser explicado apenas pela riqueza dos seus recursos naturais. Isto não chega para explicar como é que a

URSS, aparentemente ainda há pouco com um enorme atraso em relação aos EUA, no que respeita à extracção de petróleo e gás e — um pouco antes — também de carvão, conseguiu já ultrapassar firmemente este país pela extracção de carvão, depois de petróleo e está quase a igualá-lo no que se refere à extracção de gás. . .

A única explicação cabal reside na superioridade do sistema económico e social do Estado Soviético, que permite, de forma planificada, criar e desenvolver a base de energia e combustíveis, utilizando harmoniosamente todas as fontes de energia existentes e não só aquelas que, hoje em dia, são mais vantajosas. Não congelando a exploração das fontes de energia menos vantajosas, mas sim aumentando a eficiência da produção e a aplicação de todos os tipos da energia, a economia soviética trabalha tendo em vista objectivos e interesses sociais de longo prazo.

RÁPIDO CRESCIMENTO

Em 10 anos (1956-1965), o potencial económico do país mais que duplicou. O rendimento nacional aumentou 2,1 vezes, a produção industrial — 2,5 vezes e a produção agrícola — 1,5 vezes.

Estes números provam que os ritmos de desenvolvimento da economia nacional da URSS continuaram a ser elevados. No decénio indicado, a URSS tornou-se a segunda potência industrial do mundo. O desenvolvimento da sua economia tornava-se cada vez mais harmonioso. Também os ramos produtores de artigos de consumo ganharam impetuosos ritmos de desenvolvimento. Passou a funcionar a pleno rendimento a «cadeia de produção de habitações». Criou-se uma sólida base para a indústria de constru-

ção. Em dois decênios, mudou o aspecto das cidades; a maioria das famílias mudou-se para confortáveis apartamentos individuais. . .

Continuou o aperfeiçoamento técnico de toda a economia nacional, assegurado pelo desenvolvimento prioritário das indústrias energética, química, metalo-mecânica, etc. A indústria pesada continuou, entretanto, a manter o seu papel liderante. Em 10 anos (1956-1965), a indústria mecânica soviética criou mais de 30 mil novos tipos de máquinas e instalações; foram introduzidos na produção 2500 processos tecnológicos eficazes; entraram em funcionamento cerca de 5 mil cadeias de produção automáticas e mais de 32 mil linhas mecanizadas. . . Esses novos processos tecnológicos, as novas máquinas e cadeias automáticas transformaram a indústria: produção de máquinas-ferramentas, calçado, tractores, tecidos, aviões e móveis. Eles aumentaram a produtividade do trabalho e as receitas dos trabalhadores, aumentaram a riqueza da sociedade e, por conseguinte, as suas possibilidades de satisfazer as necessidades das pessoas.

Turbinas de meio milhão de kw de potência, centrais átomo-eléctricas, conjuntos metalúrgicos e químicos, computadores e máquinas agrícolas, navios, etc. etc. — estes os êxitos técnicos alcançados pela URSS nesse período.

Os operários continuaram a participar activamente no progresso técnico: em 1965, fizeram para cima de 4 milhões de propostas racionalizadoras — quase duas vezes mais do que em 1955. Isto comprova não apenas o crescimento do nível profissional da classe operária, mas também a sua grande actividade social.

Na URSS, passou a ser norma a atitude criadora de milhões de pessoas para com a trabalho. Tal atitude para com as obrigações profissionais é natural

quando os interesses da personalidade, do colectivo e da sociedade estão em harmonia. Toda a inovação, toda a descoberta passou a ser, na URSS, património social, enriquecendo toda a sociedade. Não é a fortuna pessoal nem a origem, mas sim o trabalho para o bem da sociedade o critério de valorização do homem na URSS.

... Na Primavera de 1957, numa sessão do Ministério da construção de empresas para a indústria carbonífera da URSS, o mineiro Nikolái Tikhonov, da Bacia do Donétz, apresentou um relatório sobre o modo como ele e os seus companheiros de brigada estabeleceram o recorde mundial de velocidade de escavação de poços verticais: 241 metros por mês.

Como o leitor certamente se recorda, num dos livros de Júlio Verne o americano Barbican constrói um canhão gigante e dispara um projectil em direcção à Lua. Ele introduziu o cano do canhão na terra. Para isso, precisou de uma mina com 300 metros de profundidade - 1000 pessoas durante 8 meses construíram essa mina. No livro de Júlio Verne, estamos no domínio do fantástico. Mas a brigada de Tikhonov, bem real e muito menos numerosa, poderia fazer esse trabalho em apenas 5 semanas...

Nicolái Tikhonov tinha nessa altura 28 anos. O caminho por ele percorrido é típico para a maioria dos jovens operários soviéticos: terminou uma escola técnico-profissional e tornou-se mineiro; depois, prestou serviço militar e voltou às minas; trabalhou como sub-chefe e depois foi promovido a chefe de brigada.

Mas eis que, juntamente com famosos cientistas e dirigentes, o operário Tikhonov participa agora numa sessão do Ministério. A sessão decidiu divulgar a experiência da sua brigada em todas as minas do país, de modo a que, em toda a parte, os tra-

balhos de escavação se passassem também a realizar a grande velocidade. Um instituto de projecto foi encarregado de ajudar a elaborar equipamentos do tipo dos utilizados pela brigada de Tikhonov, tendo em vista a correcção dos defeitos verificados. As fábricas foram encarregadas de produzir os apetrechos necessários.

Nos anos do segundo decénio do pós-guerra (1956-1965), foi dado um novo grande passo em frente na exploração das regiões orientais do país. No fim desse decénio, aquelas regiões (incluindo os Urais) forneciam metade da extracção nacional de carvão e 41% da energia eléctrica. . . Os pontos de apoio dessa ofensiva para o Leste foram as cidades e empresas criadas durante os primeiros planos quinquenais. Em 1964, na Sibéria Ocidental - hoje em dia a maior região de extracção de petróleo da URSS - foram obtidas as primeiras 200 mil toneladas deste combustível. Surgiu assim a possibilidade de se passar, no Leste, da construção de obras industriais isoladas a uma etapa qualitativamente nova - a criação de complexos territoriais de produção.

Estes são muito mais eficientes. Um grupo de empresas interligadas permite utilizar mais completa e multilateralmente as riquezas naturais da região, industrializando aí mesmo grandes quantidades de matérias-primas e reduzindo, portanto, as despesas com o seu transporte a grandes distâncias. A população local só tem a ganhar com isso. O desenvolvimento económico traz consigo o bem-estar social - criam-se cidades e povoados operários com uma desenvolvida esfera de serviços e amplas possibilidades no que respeita à escolha da profissão.

Também antes, as vantagens dessa exploração não suscitavam dúvidas; não existiam porém premissas

económicas necessárias para a sua concretização. Elas só surgiram depois.

Em consequência da realização do oitavo plano quinquenal (1966-1970), o rendimento nacional da URSS passou a ser maior que o da Inglaterra, França, FRA e Itália juntas. A União Soviética passou também a produzir mais energia eléctrica, tractores, aço e muitos outros artigos industriais que os referidos países europeus juntos.

Em 5 anos, foram construídas cerca de 1900 grandes empresas industriais e mais de 11 milhões de apartamentos.

TUDO PARA BEM DO HOMEM

No decorrer de toda a história do Estado soviético multinacional foram resolvidos muitos problemas relacionados com a melhoria da situação material e o aumento do nível cultural dos trabalhadores.

Actualmente, o país encontra-se numa etapa de desenvolvimento, cujas possibilidades materiais em rápido crescimento lhe permitem não só aumentar o potencial económico e fortalecer a capacidade defensiva, mas também resolver, de forma cada vez mais completa, as tarefas sociais. Trata-se de criar condições de vida que correspondam às significativamente elevadas e constantemente crescentes necessidades materiais, intelectuais e sociais e aos interesses do desenvolvimento da personalidade em todos os seus aspectos. Aliás, o aumento do nível de vida material e cultural dos soviéticos é, hoje em dia, não só resultado do desenvolvimento da produção, mas também premissa importante do seu ulterior crescimento e desenvolvimento.

Debrucemo-nos mais detalhadamente sobre dois aspectos do programa social soviético, o qual se encontra, aliás, estreitamente ligado com o potencial industrial do país.

PRIMEIRO ASPECTO: CONSTRUÇÃO HABITACIONAL. Desde 1956, a URSS constrói cerca de 2,2 milhões de apartamentos por ano. Por outras palavras – num só ano, na União Soviética constrói-se uma cidade como Moscovo ou a Grande Paris. . .

Como é evidente, uma construção desta envergadura só pode basear-se em métodos industriais. A União Soviética possui, com efeito, uma potente indústria de construção constituída por mais de 400 fábricas de peças pré-fabricadas. Mais de metade dos apartamentos são construídos na base de grandes painéis pré-fabricados.

Cada família deve ter um apartamento confortável, de acordo com o princípio – uma divisão por pessoa e mais uma sala comum. Este o objectivo estratégico do programa de construção habitacional soviético. A nosso ver, este nível, uma vez atingido, poderá garantir todas as necessidades normais das pessoas neste domínio, durante largos anos.

Na Rússia, antes de 1917, num apartamento de 50 m² viviam, em média, 8 pessoas. Como acontece, porém, em todos os países capitalistas, este dado estatístico médio encerrava contrastes tremendos. Enquanto os ricos possuíam palacetes com 40 e mais divisões por família, os operários das suas fábricas pouco mais área tinham por pessoa do que a habitualmente destinada no cemitério a cada um. . .

O socialismo começou por liquidar essa injustiça: os donos dos palácios e palacetes tiveram que cedê-los aos trabalhadores. Mas essa área habitável era apenas uma gota no oceano das necessidades. Por

mais justa que fosse a redistribuição da área habitável existente, o problema não podia ser resolvido de imediato — em cada apartamento, o número de famílias era superior aos das suas divisões, devido ao crescimento impetuoso da população urbana determinado pela industrialização.

Foi, entretanto, precisamente nessa altura, logo nos primeiros anos do Poder Soviético, que se colocou a tarefa estratégica a que nos referimos. Havia que melhorar radicalmente as condições residenciais de todo o povo. Muitos disseram, então, que esse objectivo era tão fantástico como os planos do desenvolvimento económico do jovem Estado. Viu-se, afinal, que um era tão real como os outros.

O programa residencial soviético, liquidou, logo desde o início, a contradição básica existente até aí nesta esfera: a habitação deixou de ser esfera de comércio, tanto na fase da construção como da exploração. Os apartamentos são construídos não para dar lucros, mas para satisfazer as necessidades das pessoas. São construídos por conta do Estado e distribuídos gratuitamente a todos os cidadãos, de acordo com a ordem estabelecida pelas resoluções respectivas dos Sovietes locais, a pedido das organizações sociais.

O montante das rendas de casa (o mais baixo do mundo) foi estabelecido em 1928 e permanece invariável desde então. Cresce constantemente a qualidade das moradias, aumentam as despesas com a sua construção e exploração, mas a renda de casa continua a ser mesma, atrasando-se, portanto, cada vez mais, em relação às despesas feitas pelo Estado só com a manutenção do fundo residencial. O Estado gasta, por ano, para estes fins, 5 biliões de rublos, soma que excede o custo da construção de uma fábrica de automóveis como a de Togliatti, no Volga,

a qual produz actualmente 660 mil viaturas ligeiras por ano. As despesas com a construção de habitações em cada ano do décimo quinquénio (1976-1980), são, por sua vez, superiores àquelas cerca de 4 vezes.

Os cidadãos da URSS receberam, nos anos do Poder Soviético, para cima de 60 milhões de apartamentos (50 milhões desde 1956).

O leitor poderá, com toda a razão, perguntar: se a população do país aumentou, nestes 60 anos, menos de duas vezes, e o fundo habitacional, cerca de 20 vezes, por que razão o problema habitacional não se considera definitivamente resolvido? Para que continuar a construir mais de 2 milhões de apartamentos por ano e não reduzir a construção?

Ao contrário do que, à primeira vista, poderia parecer, não há nada de estranho nesta situação. Por um lado, o número de apartamentos no país ainda é inferior ao número de famílias. O objectivo estratégico geral ainda não foi alcançado. Esta a primeira causa. Mas há uma segunda – a sociedade soviética torna-se cada vez mais rica, e as pessoas, conseqüentemente, cada vez mais exigentes. Um apartamento que há 20 ou 30 anos parecia o cúmulo da perfeição, é hoje, com frequência considerado ultrapassado. Torna-se, por isso, necessário renovar periodicamente o fundo habitacional.

Quem não tem apartamento, concorda em receber um qualquer e quanto mais depressa, melhor. Era precisamente essa a situação existente depois da guerra no nosso país – invasão hitleriana deixou 25 milhões de soviéticos sem tecto. Quem tem moradia aceitável, torna-se mais exigente – é esta a situação existente hoje na URSS. Cada soviético encara esta metamorfose não como uma tragédia, mas como um

fenómeno absolutamente normal e até positivo. A indústria de construção soviética, fruto dos planos quinquenais, orienta-se precisamente para a satisfação das necessidades crescentes e cada vez mais elevadas da população.

SEGUNDO ASPECTO: MERCADO DOS ARTIGOS DE AMPLO CONSUMO. Para satisfazer melhor as necessidades da população em artigos de amplo consumo, foram criados novos ramos da indústria — produção de televisores (em 1976, foram produzidos na URSS mais de 7 milhões), frigoríficos (cerca de 6 milhões), máquinas de lavar (mais de 3,5 milhões) e muitos outros artigos. Praticamente todos os ramos da indústria ligeira e alimentar tornaram-se altamente mecanizados e tecnicamente perfeitos.

A indústria dá uma contribuição de peso para a saturação do mercado com artigos de amplo consumo também através dos canais do comércio externo: 3/4 das exportações da URSS são constituídas por artigos industriais destinados à produção — máquinas, instalações, meios de transporte, combustíveis, energia eléctrica, minérios, metais, madeira, etc, — e os artigos de consumo e matérias-primas para a sua produção preenchem apenas 10%. Nas importações soviéticas, pelo contrário, estes dois últimos artigos ocupam 2/5 do seu volume total (em 1976, cerca de 11 biliões de rublos, ou seja, cerca de 15 biliões de dólares). Mas isto ainda não é tudo. Também muitas outras alíneas das importações soviéticas «trabalham» para o consumo. É o caso, por exemplo, da aquisição de instalações para as indústrias ligeira e alimentar, para a agricultura e para as empresas que produzem artigos químicos de amplo consumo, de electrodomésticos, automóveis, etc.

Por outras palavras, pode dizer-se que todo o comércio externo soviético está, ao fim e ao cabo,

orientado no sentido de exercer a maior influência sobre a economia do país.

Para que esta satisfaça as necessidades da população, em 1976, a URSS comprou aos seus parceiros estrangeiros 339,2 milhões de metros de tecidos, 69,8 milhões de pares de sapatos de couro, 44.300 toneladas de café, 359.000 toneladas de carne e grandes quantidades de artigos de malha e confecções.

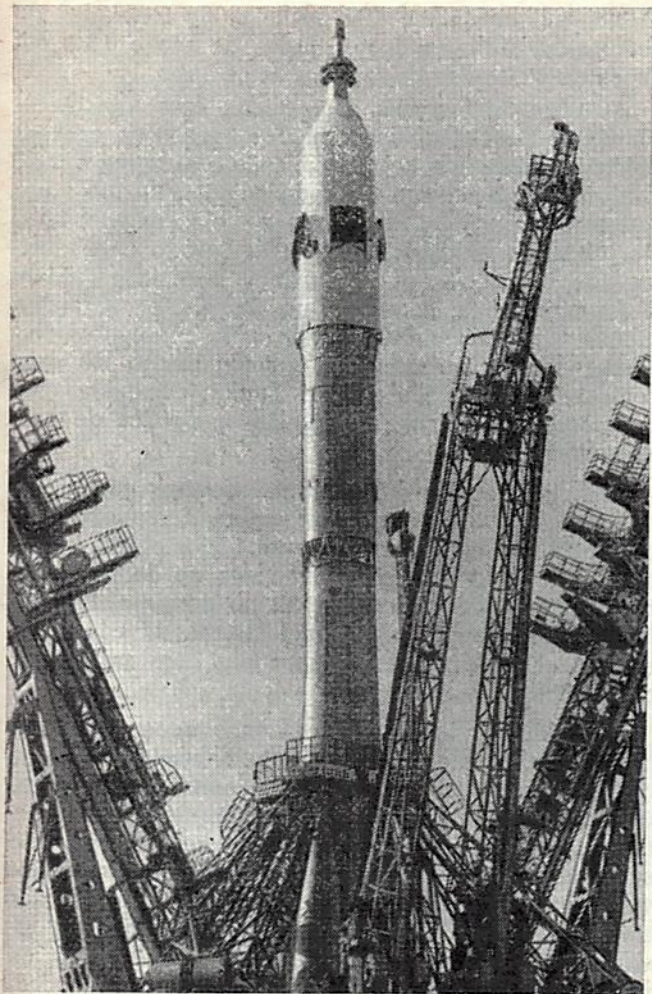
O potencial industrial da URSS permite ao país aproveitar as vantagens da divisão internacional do trabalho para, à custa das suas exportações de artigos destinados à produção, importar bastantes quantidades de alimentos e artigos de consumo, aumentando assim o volume dos bens materiais no mercado interno.

RESULTADOS EVIDENTES

Os êxitos económicos, técnicos e científicos da União Soviética exercem crescente influência sobre as relações económicas mundiais.

Meditemos um pouco nos seguintes números. Até ao dia 1 de Janeiro de 1977, foram construídas nos países em desenvolvimento com assistência soviética, centrais eléctricas com uma potência total de 11,6 milhões de kW, ou seja, 10 vezes mais do que a potência da Rússia nas vésperas da Primeira Guerra Mundial.

Em 1913, a Rússia produziu 4,2 milhões de toneladas de ferro fundido, a mesma quantidade de aço e 3,3 milhões de toneladas de laminados. Actualmente, nos países do «terceiro mundo», funcionam empresas siderúrgicas construídas com a ajuda da



Esperando a partida.

URSS que produzem 19,6 milhões de toneladas de ferro, 15,8 milhões de toneladas de aço e 15,2 milhões de toneladas de laminados por ano. . .

As obras industriais construídas com assistência da União Soviética fornecem dois terços da energia eléctrica produzida pela Síria, toda a alumina e todo o alumínio, quase um terço do ácido sulfúrico e um quarto do petróleo industrializado pela Turquia, 10% da produção industrial global do Egipto. . . A fábrica siderúrgica que os organismos soviéticos ajudam presentemente a construir no Paquistão, garantirá metade das necessidades deste país em metais ferrosos; com a entrada em funcionamento de uma central hidroeléctrica no Sri Lanka, equipada com instalações soviéticas, a potência energética do país aumentará 30%.

Poderíamos citar ainda muitos outros factos semelhantes. Até 1977, nos países em desenvolvimento, entraram em funcionamento, 231 obras industriais, 71 obras agrícolas, 59 obras no domínio dos transportes e comunicações, 32 no domínio da geologia e prospecção e 145 nas esferas da educação, cultura e saúde pública construídas com assistência da URSS.

A União Soviética resolveu, nos anos da industrialização, problemas muito semelhantes àqueles que os jovens Estados independentes enfrentam agora. Compreendendo embora toda a complexidade da situação em que se encontram hoje estes últimos, não se pode deixar de ver, no entanto, que a União Soviética viveu, nos primeiros tempos, dificuldades muito maiores. O mundo externo não só não ajudava, como, pelo contrário, se opunha por todos os meios ao único Estado socialista daquela época, então pobre e arruinado. As potências imperialistas e os monopólios, que durante muito tempo não

abandonaram os seus planos de derrubar o socialismo, eram então senhores absolutos na esfera das relações económicas internacionais.

Hoje em dia, a situação é bem outra. A experiência da URSS mostrou pela primeira vez na prática que é possível vencer, num curto prazo de tempo, a miséria, a dependência e a falta de cultura.

O imperialismo perdeu o monopólio das relações económicas com as ex-colónias, as quais têm, presentemente, a possibilidade de recorrer à ajuda da URSS e de outros países da comunidade socialista. Já nos referimos à envergadura assumida por essa ajuda. Mas existe também um outro aspecto que importa referir. Desde que os jovens Estados independentes começaram a contar com o apoio do mundo socialista, os monopólios e as potências capitalistas viram-se obrigados a aceitar que os seus parceiros dos países em desenvolvimento não concordem com todas as suas condições. Estes últimos passaram, com efeito, a ter uma alternativa que antes não possuíam.

Neste momento, está na ordem do dia o problema da reestruturação, em bases justas, de todo o sistema das relações económicas internacionais. Os interesses e as posições da União Soviética e da maioria dos países do «terceiro mundo» nesta questão coincidem objectivamente.

As relações económicas internacionais formaram-se sob a influência determinante das potências coloniais e dos monopólios capitalistas. Elas nunca foram justas, embora tenham correspondido, em certa altura, à correlação real de forças na arena mundial. Essa correspondência já não existe. A União Soviética, desde os primeiros dias da sua existência, tem exortado a eliminar a pilhagem e desigualdade que se verifica nas relações económi-

cas internacionais. O Programa da URSS sobre esta questão foi exposto, nomeadamente pela delegação soviética à conferência internacional de Génova, em 1922. Na altura, porém, quem fazia esse apelo era um Estado arruinado, que conduzia sozinho a luta contra todo o poderio do mundo capitalista. O aspecto moral, a sua inteira razão, não se apoiava ainda numa força económica real. Mas nos anos da industrialização, os soviéticos criaram um potencial industrial que já não pode deixar de ser tido em conta.

Hoje em dia, com plena razão se pode afirmar que, sem os esforços e os sacrifícios dos povos da URSS feitos em prol da industrialização, não existiriam nem a vitória na guerra contra o fascismo, nem a poderosa comunidade socialista, nem o actual desanuviamiento internacional, nem os êxitos da descolonização. Os dirigentes mais destacados dos movimentos de libertação nacional agradeceram reiteradamente o papel benéfico do apoio fornecido pela União Soviética aos seus povos na luta pela liberdade. Esse apoio é sempre tanto de ordem moral como material.

Como é evidente, nem a todos agrada a crescente influência da União Soviética sobre a marcha da história mundial. Há quem se incomode em especial com a cooperação existente entre a URSS e os jovens países independentes. Daí as tentativas de caluniar e desacreditar as relações da União Soviética com os países em desenvolvimento e de criar dúvidas quanto à eficiência das empresas que se constroem com assistência soviética.

Quantas coisas desse tipo não se disseram, por exemplo, sobre a barragem de Assuão, no Egipto, ou sobre as empresas siderúrgicas da Índia! Sobre essas obras disse-se tudo - que arruinavam o orça-

mento, que eram desnecessárias e até... nocivas! No entanto, os factos provam com toda a evidência precisamente o contrário. As obras construídas com ajuda soviética dão lucros e bastantes! Essas empresas dão uma contribuição substancial para o desenvolvimento geral das forças produtivas, diminuem a dependência em relação aos mercados capitalistas, reduzem as despesas em divisas e consolidam o sector público e a independência económica.

A experiência da União Soviética, acumulada no período dos primeiros planos quinquenais, mostra como é absurda a afirmação de que um país pobre não precisa de grandes empresas industriais nem de indústria pesada. A situação é, na realidade, totalmente a inversa: um país que não deseje ficar pobre nem dependente, não pode viver sem tais empresas. Esta via exige alguns sacrifícios provisórios, mas oferece, em contrapartida, uma perspectiva real de mudanças radicais para melhor. A outra política pode, por vezes, dar um alívio efémero, mas não conduz à solução radical dos problemas mais candentes de longo prazo. A experiência das relações económicas do «terceiro mundo» com as potências imperialistas prova-o com evidência. Os monopólios constroem nos países em desenvolvimento só aquilo de que eles próprios precisam, aquilo que dá lucros com maior rapidez e perpetua a dependência. Em consequência disso, as dívidas do «terceiro mundo» aumentam e os problemas do seu desenvolvimento arrastam-se, de ano para ano, sem solução.

Lembremos alguns números. Em 1973, os países em desenvolvimento pagaram ao Ocidente 11,5 biliões de dólares; em 1974 - 13,3 biliões de dólares e em 1976 - 17,8 biliões de dólares. Esta soma ultrapassa toda a chamada «ajuda» ao desenvolvimento que lhes foi fornecida nos mesmos anos...

V. I. Lénine, fundador do Estado Soviético sublinhou várias vezes que o Estado socialista influenciou sobre a política mundial sobretudo através dos seus próprios êxitos económicos. Não só porque desse modo aumentam as possibilidades de prestar ajuda directa a outros povos – o que já é muito importante – mas também pela força do exemplo, pela demonstração prática do que é capaz um povo quando conquista o poder.

Em 1922, a URSS – que acabara de repelir a ofensiva da contra-revolução interna e a invasão estrangeira – fornecia apenas 1% da produção industrial mundial, ou seja, 40 vezes menos que os EUA. Desde então passaram-se 55 anos. Entre 1923 e 1926, os soviéticos tiveram, porém, que reconstruir a economia arruinada por duas guerras sucessivas (a Primeira Guerra Mundial e a guerra civil) e entre 1945-1948, mais uma vez tiveram que reconstruir tudo de novo (após a Segunda Guerra Mundial). Nesse período, o mundo avançou muito no desenvolvimento económico. Descontados os períodos gastos em guerras e subsequentes reconstruções, ficam, ao todo, pouco mais de 4 decénios de construção pacífica. Tanto mais impressionantes são, portanto, os resultados alcançados pela URSS – a parte do país na produção industrial mundial aumentou 20 vezes. Hoje em dia, a União Soviética fornece 1/5 da produção industrial mundial, o que equivale a mais de 80% do nível dos EUA.

A competição económica entre os dois sistemas é cada vez mais favorável ao socialismo. Basta dizer que enquanto em 1950 os países capitalistas desenvolvidos tiveram uma produção industrial 4 vezes superior à dos países socialistas, em 1976, a sua produção foi superior apenas em 25%.

Falando sobre os elevados e estáveis ritmos de desenvolvimento da economia socialista, ideólogos

do sistema capitalista ironizaram durante muito tempo sobre o baixo nível inicial de referência e o insignificante conteúdo absoluto de cada percentagem de aumento. Mas a situação mudou. Enquanto que, em 1928, em expressão monetária, um por cento do incremento da produção industrial era igual a 50 milhões de rublos, em 1952 atingia já os 500 milhões, em 1960 – 1,6 biliões e é presentemente de 5 biliões de rublos. Em 1976, o incremento foi de 4,8% (24 biliões de rublos), soma que chega para construir 30 centrais hidroeléctricas iguais, pela sua potência, à central de Krasnoiársk, a maior do mundo.

É, no entanto, impossível dar o devido valor a estes números sem ter em conta o contexto histórico-económico geral. Nalguns países capitalistas desenvolvidos – nos EUA ou no Japão – por exemplo, um por cento do incremento do produto industrial ainda é actualmente mais do que o obtido na URSS. Mas os países capitalistas regressaram a um nível já obtido anteriormente (o ano anterior foi assinalado, nos EUA, por um decréscimo de 8,8% e no Japão, de 10,4%), enquanto que a União Soviética continuou a avançar. Seja, portanto, qual for o período mais ou menos duradouro que se analise, o socialismo apresenta sempre um avanço sobre o capitalismo.

Nós avaliamos, porém, com objectividade as nossas realizações na emulação económica. Nós ganhamo-la, sem dúvida, embora por enquanto registemos – também indubitavelmente – alguns atrasos. Limitemo-nos, porém, a assinalar que a lista dos índices, em que a União Soviética ainda se encontra em atraso, diminui cada vez mais, ao mesmo tempo que aumenta aquela em que se indicam os ramos e produtos em que a URSS já se encontra à frente.

A lógica do nosso desenvolvimento é tal que a União Soviética não possui esferas em que se registre um «atraso desesperado». Havia não há muito tempo, autores, ocidentais citavam entre estas a extracção de petróleo, a fundição de aço, a produção de tubos e de máquinas de cortar metal e alguns outros ramos – em todos eles a União Soviética é já, neste momento, líder mundial reconhecido.

Presentemente, os mesmos autores falam muito sobre a agricultura. Vejamos os factos. Antes da revolução de 1917, a produtividade do trabalho na indústria era, na Rússia, mais de 9 vezes inferior à existente nos EUA na mesma altura. A União Soviética ainda não conseguiu liquidar totalmente esse atraso gigantesco. No entanto, ele diminui constantemente enquanto que, em 1965, o nível da produtividade do trabalho na URSS era 45% do existente então nos EUA; hoje em dia é já superior à 55%.

No que diz respeito à produção agrícola, a Rússia, país predominantemente agrário, tinha um atraso de cerca de 1/3 em relação aos EUA nas vésperas da Primeira Guerra Mundial. Desde então, a produção de cereais, na URSS, aumentou quase 3 vezes; a de algodão, mais de 11 vezes, a de beterraba açucareira 9 vezes, a de carne e leite, cerca de 3 vezes e a de ovos 5 vezes. Em 1976, o atraso da URSS em relação aos EUA, no que respeita à produção agrícola, foi pouco superior à 15%.

Convém, enretanto, sublinhar um aspecto: sempre que o socialismo conquista uma posição liderante, seja em que aspecto for, a diferença a seu favor aumenta e os países capitalistas já não conseguem liquidá-la. Isto é particularmente evidente no caso do petróleo: em 1960, a União Soviética extraiu 200 milhões de toneladas de petróleo a menos que os EUA; em 1974, porém, já os ultrapassava e nos

anos posteriores aumentou rapidamente a sua vantagem.

A competição económica não se limita à esfera da produção. O mundo socialista, mantendo embora um atraso em relação aos países capitalistas mais desenvolvidos no que respeita à produção industrial, começou já a ultrapassá-los no aspecto social. O desemprego, nos países socialistas, foi para sempre liquidado. Os preços são estáveis e verifica-se um crescimento constante do bem-estar das massas. A assistência médica, a instrução, a segurança e a previdência sociais passaram a ser gratuitos e acessíveis a todos. A URSS ocupa o primeiro lugar do mundo pelo volume da construção habitacional e pelo número de médicos, cientistas e engenheiros.

Examinemos os resultados de 1976 no que respeita à dinâmica do aumento do nível de vida. Os rendimentos monetários por habitante aumentaram, na URSS, 3,7% (enquanto que os preços no consumidor e dos serviços em geral continuaram estáveis). Ao mesmo tempo, cresceu bastante o volume dos serviços e bens prestados gratuitamente, o que significa que o crescimento real do bem-estar foi superior ao indicado pelos dados estatísticos.

No mundo capitalista verifica-se o oposto. Em 10 países capitalistas desenvolvidos (EUA, Japão, RFA, França, Grã-Bretanha, Itália, Canadá, Espanha, Austrália e Suécia) o número de desempregados foi de 13,8 milhões de pessoas. O custo de vida subiu nos EUA - 5,1%; no Japão - 9,6%; na Grã-Bretanha - 15,8%...

A actual etapa da competição económica apresenta, portanto, resultados nitidamente favoráveis ao mundo socialista e quanto mais tempo passa, maior é a diferença. Os países da comunidade socialista não têm qualquer razão para desejar a transforma-

ção da competição pacífica em confrontação militar. Tal como, aliás, não existem razões para colocar a questão nos seguintes termos: concorrência ou cooperação. Pelo contrário – o novo sistema social pronuncia-se conseqüentemente por uma cooperação internacional igual em direitos e mutuamente vantajosa – uma cooperação benéfica para todos.

ÍNDICE

Ponto de referência	3
Por onde começar?	8
O «milagre russo»	25
A dura prova da guerra	36
A gesta da reconstrução	42
Rápido crescimento	57
Tudo para bem do homem	61
Resultados evidentes	66

Александр Андреевич Губер
КАК В СССР СОЗДАВАЛАСЬ
ТЯЖЕЛАЯ ИНДУСТРИЯ
на португальском языке

Цена 25 коп.

Estimado Leitor!

A Editorial da Agência de Imprensa Nóvosti ficar-lhe-ia imensamente grata se tivesse a bondade de preencher o presente questionário e enviá-lo, indicando sempre o título da obra, para:

Editorial A.P.N., Podkolokolny per. 13/5, Moscovo, U.R.S.S.

1. Qual a sua opinião sobre o livro (folheto)?
2. Qual a sua opinião sobre a qualidade da obra e da tradução?
3. Que lhe parecem a impressão e a apresentação gráfica deste livro?
4. Desde quando lê as publicações da A.P.N.?
5. Em que local adquiriu este livro?
6. Quais os aspectos da vida da U.R.S.S. poderiam interessar-lhe nas publicações da A.P.N.?

Profissão

Sexo

Idade

Se o desejar, indique também o seu nome e morada.

Gratos pela atenção.

Александр Андреевич Губер

КАК В СССР СОЗДАВАЛАСЬ
ТЯЖЕЛАЯ ИНДУСТРИЯ

на португальском языке

Como se Criou a
RS 7

1N304

124833

Como se Criou a
Alexander Guber



O grande desenvolvimento económico do país nos anos do Poder Soviético e sobretudo a criação da indústria pesada — base de todo o desenvolvimento económico independente — foi uma das condições que permitiram assegurar o elevado nível de vida da população da URSS.

Numa linguagem directa e acessível, A. Gúber aborda nesta brochura as questões fundamentais da industrialização do país — como foi criada a indústria pesada soviética? Quais as fontes financeiras a que se recorreu? Porque participou todo o povo nessa obra grandiosa?

